

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉRICA RODRIGUES

CURITIBA
2008

ÉRICA RODRIGUES

O QUE É ESCREVER BEM?

Com a palavra, os alunos do Ensino Médio

CURITIBA

2008

ÉRICA RODRIGUES

O QUE É ESCREVER BEM?

Com a palavra, os alunos do Ensino Médio

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Linha de Pesquisa: Cultura, Escola e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto de Castro

CURITIBA

2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Gilberto de Castro, desde as aulas da graduação, projetos de iniciação científica, bacharelado, até aqui, por me incentivar a trabalhar com uma linguagem viva, pela paciência, companheirismo e principalmente por compreender minhas limitações para elaboração desta dissertação.

À professora Dr.^a Deise Picanço, pela leitura atenta na ocasião da banca de qualificação e pelos apontamentos apresentados.

À professora Dra. Lúcia Peixoto Cherem, que se tornou uma grande amiga no decorrer deste trabalho. Pelo seu comprometimento com as questões educacionais, coerência, simplicidade e por me ajudar a acreditar que eu conseguia terminar esse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação, de maneira especial à Professora Tânia Maria Braga Garcia, pela atenção e perspicácia em clarear alguns pontos desse caminho.

A meu pai, minha mãe e minha irmã que vivenciaram comigo as dificuldades e as alegrias dessa trajetória.

As minhas amigas e aos meus amigos: Carina, Paula, Carol, Rosana, Rodrigo, Andressa, Bruna, Guto, Fabrício, Chisty, Simone, Luciana, Flávio, Fernando, Vanessa e o pessoal do grupo de jovens, a cada um de vocês: muito obrigada por fazerem a diferença nesse tempo!

Ao pessoal da iniciação científica: Luiz, Solange, Soemis e Carolina.

Ao padre Estevão, Juliana, Dr. Marcos e Lourdes (do HC) que de diferentes formas também cuidaram de mim neste período.

Às meninas com as quais convivi na CEUC, em especial, minhas amigas Lucieli, Daisy e Ana Paula com as quais convivi mais de perto.

À Sirlei, Lourdes e outros funcionários da biblioteca de humanas, pela oportunidade do estágio, tempo de convivência, favores, carinho e amizade.

Aos meus colegas do CELIN – UFPR, especialmente profa. Mariza, profa. Lygia, Mônica, Roberta e Ayumi.

Aos meus colegas da Escola Anjo da Guarda, de maneira especial a Luci, Ceres, Lili, Lu, Cida e Andréa.

Aos meus alunos, que mesmo sem perceberem me ajudam muito a refletir sobre o meu trabalho!

SUMÁRIO

1. O CAMINHO ATÉ AQUI	8
1.1 AINDA HÁ O QUE DIZER?	14
1.2 O QUE ALGUNS JÁ DISSERAM	17
2. A VEZ DOS ALUNOS	31
2.1 QUEM IRÁ DIZER?	32
2.2 COM A PALAVRA, OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	35
3. O QUE AINDA NÃO FOI DITO	57
4. OS TEXTOS NA ÍNTEGRA	59
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

RESUMO

Diversas situações contribuíram para que eu definisse o objeto de estudo deste trabalho, mas uma delas foi determinante: assumir aulas de língua portuguesa, em turmas de terceiro ano de Ensino Médio, em um colégio da rede pública.

Na primeira aula com esses alunos, apresentei-lhes a seguinte proposta: *Faça um texto respondendo a seguinte questão: “O que é escrever bem?”*. No total, foram produzidos 119 textos – 62 das turmas do período matutino e 57 dos alunos do período noturno. Com base na concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, esses textos foram analisados com o objetivo de **identificar as vozes sociais que compõem o imaginário de estudantes concluintes do ensino médio sobre escrita**.

Assim, no primeiro capítulo, há uma apresentação de alguns trabalhos que têm como tema a análise da produção escrita de alunos concluintes do ensino médio e vestibulandos. No segundo capítulo, há informações sobre o contexto em que os textos foram produzidos e na seqüência a análise propriamente dita.

Em síntese os autores desses textos mostraram têm muito a dizer: percebem a língua escrita como um valor social, embora reconheçam que, mesmo após anos na escola e prestes a saírem dela, não tenham o desempenho que julgam ser necessário para terem um bom texto: talvez não tenham tanto acesso a informação para serem sempre “atualizados”, não gostem de literatura clássica, não entenderam as regras de gramáticas, têm dificuldade em manifestar-se por meio dela.

Portanto, as vozes identificadas nesses textos podem trazer contribuições para nossas ações em sala de aula, de maneira especial nas de língua portuguesa, redirecionando algumas práticas de maneira que haja espaço para atividades que priorizem a experiência de cada um com a linguagem.

Palavras-chaves: produção escrita - imagem da escrita - ensino de língua portuguesa

1. O CAMINHO ATÉ AQUI

Talvez a minha dificuldade em colocar as primeiras palavras neste trabalho pode estar relacionada, em parte, com o assunto que aqui será discutido: a imagem que construímos da escrita. Antes, porém de delimitar o viés pelo qual irei abordá-lo, penso que é interessante descrever os caminhos que me levaram a defini-lo como o objeto de estudo nesta dissertação.

Durante o meu curso de graduação em Letras, um tema muito recorrente nas discussões, em várias disciplinas, era o desempenho dos candidatos na prova de redação do vestibular. De maneira geral, as diferentes discussões concluíam que *mesmo a minoria dos estudantes que chega a prestar um exame vestibular escreve muito mal*.

Esse assunto foi bastante freqüente, especialmente, nas aulas de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, nas quais, entre outros textos, tivemos a oportunidade de ler e discutir *Problemas de Redação*, livro de Alcir Pécora¹, cuja introdução, expressa a inquietação que justifica a “empreitada” a que o autor se propõe:

No caso peculiar deste trabalho, tratou-se do que não houve meio de evitar: não há professor que possa dar o seu bom curso e proceder honestamente ao seu programa sem que em algum momento fatídico, olhe para as letras apresentadas por seus alunos, por mais redonda que seja a caligrafia, e finja que ali está escrito o que eles juram que escreveram, ou que escreveram ali o que pretendiam, e, principalmente, que aquele é o testemunho último e acabado do que pessoas jovens e saudáveis podem conhecer e experimentar em linguagem escrita. Pois, ainda que tais letras tenham sido gratas ao professor, não dá mesmo para acreditar que elas tenham que ser as mesmas para todos e escritas por nenhum deles. (PECORA, 1999, p. 1-2).

Pécora localiza um acontecimento pontual que chamou a sua atenção para a dificuldade dos alunos do último ano do curso de Letras na produção escrita: um fichamento de leitura de uma bibliografia básica dessa área: “recebidas as primeiras fichas de leitura – e tendo sido previamente debatido em classe o conteúdo dessas leituras - o mínimo que se tinha o direito de dizer é que a maioria daqueles alunos, prestes a se formar, não sabiam escrever, nem ler.” (PECORA, 1999, p. 4).

¹ PÉCORA, A. Problemas de redação. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Sem desprezar os fatores externos - política econômica, carga horária exaustiva dos professores, precária infra-estrutura das escolas públicas - que também explicariam em parte esse “fracasso”, Pécora afirma que “faltava descobrir uma face essencial do problema: a face do aluno. Faltava examinar o produto efetivo dessa situação desastrosa: que tipo de aluno as escolas de todos os níveis, mesmo superior, estavam formando.” (PECORA, 1999, p. 4)

O autor analisa, sob *uma incipiente teoria do discurso*, um *corpus* de 1500 redações produzidas por vestibulandos e alunos dos primeiros semestres do curso de Letras da UNICAMP. Ao discorrer sobre os problemas encontrados nos textos, Pécora identifica a origem deles na concepção de língua presente não apenas na escola, mas na sociedade de maneira geral: “trata-se de um fracasso alimentado a fermento pela concepção de língua que condiciona todo o ensino oficial do português e que ao desconhecer a complexidade vital de seus usos, torna-se incapaz de garantir o aprendizado adequado de um só deles” (PECORA, 1999, p. 45).

Essa concepção de língua gera uma “falsa imagem da especificidade da escrita” (PECORA, 1999, p. 72), que confere ao ato de escrever ares de artificialidade, pois sem conhecer a função da escrita, o aluno se vê escrevendo sem saber para quê e muito menos para quem. Aliás, sabe que está escrevendo para obter nota, conferindo a escrita uma outra função, e para isso é preciso então preencher a folha com palavras e expressões das quais muitas vezes desconhece o significado, o que vale é demonstrar uma “certa erudição”, pois essa é a imagem que ele tem da escrita, e conseqüentemente de língua também.

Embora a primeira edição do livro de Pécora tenha sido publicada em 1983, algumas situações foram confirmando que as discussões levantadas por ele ainda são bastante pertinentes. Como exemplo, posso citar a experiência que pude vivenciar durante a realização do meu estágio de licenciatura, no segundo semestre 2004²: quando alunos que estavam concluindo o ensino médio me fizeram uma série de perguntas que revelaram que “as dicas” para produção de “bons” textos, especialmente para o vestibular, continuavam girando em torno de certos “mitos” que revelam a exclusiva preocupação com aspectos formais, como por exemplo: *permissão ou não para utilização de pronome de primeira pessoa do singular nos*

² Estágio realizado no Colégio Estadual do Paraná, sob a orientação do Professor Altair Pivovar (Departamento de Teoria e Prática de Ensino - UFPR), na disciplina de “Prática de Ensino e estágio supervisionado de Língua Portuguesa”.

textos, cuidados com a letra, colocar ou não colocar título, etc. Uma questão pairava no ar: de onde surgiram essas dicas?

Com base nesse questionamento e pensando em minha experiência pré-universitária, recordei-me que o vestibular é um assunto bastante difundido pelos meios de comunicação quando as datas da realização das provas se aproximam (meio e principalmente final do ano): na televisão são veiculados programas de revisão dos conteúdos das provas, os telejornais mostram as aulas dos grandes cursinhos, entrevistam os vestibulandos, divulgam as altas concorrências de alguns cursos, etc.

Essa ênfase também acontece em outros veículos de comunicação: jornais, revistas e internet que costumam publicar reportagens ou cadernos específicos, (por exemplo, o suplemento *Fovest*, do jornal Folha de São Paulo e *Caderno Vestibular*, do jornal Gazeta do Povo) meses antes das provas, com resolução de questões dos grandes vestibulares, resumos dos livros indicados para a prova de Literatura, tópicos importantes de todas as disciplinas, dicas de professores, etc. E é claro que também aparecem dicas e opiniões sobre as redações dos vestibulares. Mas como as questões referentes à redação do vestibular são abordadas?

Motivada por essas questões, em minha monografia do curso de Letras intitulada *A redação do vestibular na revista Época*³ tive como objetivo investigar e descrever os conceitos sobre redação do vestibular e escrita presentes na reportagem “O jovem tem a palavra”, publicada na revista *Época*, em 14 de junho de 1999. A análise dessa reportagem colocou em evidência dois tipos de discursos sobre a redação do vestibular e, de maneira mais abrangente, também sobre a escrita. De um lado, opiniões que revelam uma noção mecanicista/ normativa de texto e, conseqüentemente, de linguagem que, basicamente, associa o aprendizado de produção de texto a enumeração de regras gramaticais e à leitura de obras de autores clássicos. De outro lado, também aparecem enunciados que mostram uma postura que entende a escrita como um tipo de expressão construída e intimamente ligada à experiência de cada um, ou seja, entende a escrita como um tipo de atividade que precisa ser exercitada para que seu aprimoramento se dê gradativamente, o que não elimina a necessidade de cuidados com as normas da língua padrão e de leitura não apenas de obras de autores clássicos, mas também de jornais, revistas, internet, etc. Diante dessa dualidade, em trechos em que

³ Monografia apresentada, no primeiro semestre de 2006, como requisito parcial para conclusão do curso de Letras Bacharelado em Estudos Lingüísticos da UFPR, orientada pelo prof. Dr. Gilberto de Castro.

poderíamos reconhecer “um discurso” da revista, foi possível perceber que o veículo transita entre essas duas concepções de texto, fato que, em alguns momentos, pode dar origem a interpretações um pouco confusas.

Esse trabalho foi um recorte pequeno, mas que de certa maneira pôde trazer a tona concepções sobre escrita que fazem parte do senso comum de professores e estudantes.

É importante ressaltar que os vestibulares das universidades não pretendem estabelecer parâmetros para os conteúdos que devem ser abordados nas salas de aula. No entanto, essa tem sido uma tendência das escolas, que buscam adaptar seus planejamentos e conteúdos de ensino aos tópicos cobrados pelos vestibulares.

Por isso, como complemento ao trabalho desenvolvido nessa monografia, a idéia inicial do meu pré-projeto de mestrado era estender a análise a um recorte temporal maior, direcionando a investigação para um material que privilegiasse em seu conteúdo temas referentes ao contexto escolar, e, especificamente, sobre questões ligadas ao vestibular, ou seja, um material que fosse produzido por/ para professores e alunos do ensino médio e vestibulandos em geral. Neste sentido, o caderno *Fovest* - veiculado semanalmente pelo jornal Folha de São Paulo - e *Caderno Vestibular* - do jornal Gazeta do Povo - viriam ao encontro dessas características, constituindo-se materiais interessantes de análise.

Entretanto, mesmo analisando um material que tivesse estudantes como público alvo, sentia a necessidade de dar espaço a “voz” do aluno, propriamente dita. E a leitura de alguns livros que têm como tema a produção da escrita, mais especificamente, a redação do vestibular, confirmou a pertinência deste viés de estudo. Além do trabalho de Pécora, já mencionado anteriormente, apresento aqui brevemente, para fins de explicitação do tipo de abordagem recorrente nos trabalhos que enfocam a produção escrita (no final do Ensino Médio ou início da faculdade), três outros textos: *Crise na linguagem: a redação no vestibular*, de Maria Thereza Fraga Rocco⁴, *Redação e textualidade*, de Maria da Graça Costa Val⁵ e *A redação no vestibular: a elipse e a textualidade*, de Maria José de Matos Luna⁶.

Em *Crise na linguagem: a redação no vestibular*, Maria Thereza Fraga Rocco faz uma análise detalhada de 1500 redações de candidatos ao vestibular da Fuvest

⁴ ROCCO, M. T. F. *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

⁵ VAL, M. da G. C. *Redação e textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁶ LUNA, M. J. de M. *A redação no vestibular: a elipse e a textualidade*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.

de 1978, concentrando sua atenção “no estudo de aspectos relativos à competência discursiva, aos nexos lógicos de um texto como um todo” (ROCCO, 1981, p. 59).

A redação do vestibular também foi objeto de estudo no livro *Redação e textualidade*, de Maria da Graça Costa Val. Neste trabalho, a autora apresenta sua análise, sob a perspectiva da lingüística textual, de 100 redações produzidas por candidatos ao curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, no vestibular de 1983.

Já o trabalho “A redação no vestibular: a elipse e a textualidade”, de Maria José de Matos Luna traz a análise de 80 redações dos candidatos do vestibular da Universidade Federal de Pernambuco de 1993, com o objetivo “verificar o emprego da elipse como um fator da coesão textual” (LUNA, 2004, p. 15).

Embora as descrições dos trabalhos de Pécora (1999), Rocco (1981), Val (1999) e Luna (2004) tenham sido breves, creio que tenha ficado claro que há neles a preocupação em se estudar a produção textual dos vestibulandos sob os aspectos de conteúdo e de forma, para, a partir disso, traçar um panorama sobre o “estado da escrita” daquele determinado grupo. Ou seja, são trabalhos importantes, que cumprem o seu papel na tentativa de identificar os problemas nas produções textuais dos alunos, para que, a partir disso, seja possível pensar em possíveis soluções. Mas ainda falta “dar mais espaço” para o discurso do aluno. Desconheço até então um trabalho que se destine a estudar qual é o imaginário que o aluno construiu sobre escrita ao longo de sua trajetória escolar. Afinal, após anos freqüentando os bancos escolares – muitas aulas, explicações, atividades realizadas, diferentes professores, convívio com os colegas - o aluno deve ter em mente uma concepção de escrita, construída ao longo de sua experiência pelas séries do ensino fundamental e médio.

Em meio a todos esses questionamentos, tive a oportunidade de assumir aulas de Língua Portuguesa em cinco turmas do terceiro ano do ensino médio de um colégio da rede pública da região metropolitana de Curitiba. Como cheguei no decorrer do ano letivo e tive um contato muito breve com a professora anterior dessas turmas, na primeira aula com os alunos propus a seguinte atividade: *Faça um texto respondendo a seguinte questão: “O que é escrever bem?”*. O objetivo dessa atividade era identificar qual a imagem de escrita constituída por esses alunos que estavam prestes a concluir o ensino médio, para, então, preparar minhas próximas aulas.

Entretanto, ao ler cada texto produzido por esses alunos, percebi que além de um material importante para nortear minhas ações em sala de aula, esses textos mereciam uma análise mais atenta e aprofundada. Por que não em minha dissertação de mestrado?

Portanto, a partir das questões que foram surgindo nesse caminho percorrido, tracei como objetivo para este trabalho: **identificar as vozes sociais que compõem o imaginário de estudantes concluintes do ensino médio sobre escrita.**

Aqui a expressão “vozes sociais” está sendo empregada dentro da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Nesta concepção de linguagem, o sentido não está “acabado” ou “pronto” em um indivíduo, em seu interlocutor, em uma estrutura gramatical ou ainda em uma palavra, mas é construído na relação, na interação entre sujeitos, com suas experiências históricas e sociais, com as vozes sociais que as rodeiam. Esta interação, portanto, é uma relação de valores que eu e o outro estabelecemos às coisas e que está em constante construção. Desta forma, o sujeito, no pensamento bakhtiniano, é constituído por esse conjunto de vozes sociais com as quais, por meio da linguagem, ele interage no seu dia a dia. Assim, neste trabalho, a atenção está voltada em reconhecer nos textos dos alunos as vozes sociais que foram, ao longo de sua trajetória escolar, constituindo o seu imaginário de “bom texto” e conseqüentemente a sua relação com a modalidade escrita.

Para tanto, no primeiro capítulo, farei uma apresentação dos principais trabalhos que se dedicaram a estudar a produção escrita de alunos concluintes do ensino médio e vestibulandos, identificando como esse tema é abordado em cada um deles. No segundo capítulo, farei a análise dos textos dos alunos que exemplificam as vozes significativas identificadas no *corpus*. Posteriormente, espero apresentar os aspectos conclusivos da pesquisa.

1.1 AINDA HÁ O QUE DIZER?

Antes de abordar especificamente a contribuição que alguns trabalhos deram ao ensino de produção de textos é necessário contextualizá-los brevemente em um âmbito mais abrangente, recordando os principais aspectos que influíram no debate acerca do ensino de língua portuguesa no Brasil nas últimas décadas, bem como os temas que estiveram (e estão) em discussão.

É importante lembrar, por exemplo, que a expansão do número de vagas no ensino público ocorrida durante o governo militar e a inserção dos lingüistas nas discussões referentes ao ensino de língua materna foram fatos que redirecionaram o tom desse debate:

Mais recentemente (de 25 anos para cá, mais ou menos) os lingüistas se integraram ao debate, contribuindo de forma original crítica ao modo como a escola trata o ensino de linguagem. Ao apontar as fragilidades encontradas no ensino tradicional, ao lidar com as diferenças culturais e lingüísticas dos novos alunos que se integraram à escola pública brasileira, por conta de sua expansão nos governos militares, os lingüistas deram um novo tom à discussão, redirecionando o debate a partir, principalmente, da inserção do tema da variação lingüística e suas decorrências, seja quanto ao conceito de gramática, seja quanto à funcionalidade das variantes. (...) A crítica básica e fundamental dos lingüistas ao ensino tradicional recaiu sobre o caráter excessivamente normativo do trabalho com a linguagem nas escolas brasileiras. (FARACO, C. A. et. al., 1999, p. 180)

Essa expansão do acesso à escola pública, portanto, propiciou a entrada maciça de estudantes provenientes de diversos segmentos sociais, falantes de outras variedades lingüísticas e não da variedade padrão privilegiada no espaço escolar. Por isso, as discussões levantadas pelos estudos lingüísticos acerca de temas como variação lingüística e conceitos de gramática vieram de encontro com o ensino tradicional e normativo. Esse caráter do ensino de língua materna é criticado pois:

Sempre que o normativismo se manifesta, ele falseia a manifestação legítima da linguagem (porque tira a autonomia dos parceiros da comunicação, dando o poder de decisão apenas a quem – supostamente – conhece as regras). O resultado disso é que o aluno (um dos parceiros) incorpora uma série de equívocos sobre o processo de interação verbal, que arrasta vida fora, sem nenhuma segurança. (PIVOVAR, 1999, p. 28)

A partir dessa crítica ao ensino normativo, centrado em exposição e memorização de regras da gramática tradicional, os lingüistas propõem que o objeto de estudo no ensino de linguagem “deve ser o texto, na medida em que ele é, de fato, a manifestação viva da linguagem” (FARACO, C. A. et. al., 1999, p. 181) e produzem nas últimas décadas uma extensa bibliografia em que esse tema estará presente. Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Geraldi (1984; 1991; 1996), Illari (1997), Perini (2003), Possenti (1996), entre outros.

Apesar de algumas vertentes da Lingüística considerarem essa questão como algo aparentemente resolvido, como se as discussões e teorias acerca do trabalho com a linguagem, tendo o texto como objeto, já tivessem gerado subsídios suficientes para as atividades desenvolvidas nas escolas, não é isso que se observa na prática. O que percebemos são oscilações entre uma postura e outra frente à linguagem, em que muitas vezes o trabalho descontextualizado com as formas gramaticais representa “um porto seguro” em meio a tantas inseguranças.

Talvez isso seja o reflexo do distanciamento entre algumas teorias da Lingüística e a dimensão social da linguagem. Sobre essa questão, FIORIN (2004), ao comentar esse distanciamento, cita como exemplo, “a recusa de os lingüistas discutirem com seriedade a questão da norma” (p. 107), o que leva as pessoas a recorrerem aos “consultores gramaticais” já que:

os consultores respondem a uma necessidade das pessoas comuns, que parecem compreender melhor do que os lingüistas que todas as línguas históricas têm uma norma considerada culta, que essa norma é exigida em determinadas situações de comunicação e que as pessoas precisam dominá-las. (FIORIN, 2004, p. 108)

Compreensão essa que, como veremos na análise dos textos, os alunos demonstram ao citar recorrentemente a preocupação com a norma culta para construção de bons textos, pois percebem que:

escrever hoje em dia é uma das coisas mais importantes para que a pessoa possa entrar em uma faculdade, um trabalho, entre outras coisas. A escrita hoje em dia é utilizada em tudo. Uma pessoa expressando suas idéias, escrevendo relatórios em seu trabalho, ou escrevendo até mesmo por gostar. Enfim, escrever hoje em dia é indispensável. (texto 52)

Essas são as necessidades reais que o aluno (e outro cidadão) tem do uso da língua, mais especificamente na sua modalidade escrita, precisa saber escrever,

pois as situações que vivencia, seu olhar sobre as circunstâncias que o rodeiam o fazem perceber que por meio dela pode-se ter acesso a melhores oportunidades: prestar um vestibular, conseguir um trabalho mais digno, ter um desempenho melhor no seu trabalho, etc. Por isso, afirmo mais uma vez a relevância de um olhar atento para o que esses alunos têm a dizer sobre a sua relação com a escrita, pois

A reflexão sobre a linguagem é o ofício do lingüista. No entanto, a chamada atividade metalingüística não é assunto só de profissionais, mas pertence também ao domínio da fala cotidiana, dado que a atividade metalingüística é inseparável da atividade lingüística. Há, assim, ao lado da denominada metalinguagem científica, uma metalinguagem cotidiana, que produz uma lingüística espontânea, constituída das idéias de língua que têm os falantes comuns, idéias que se revestem de julgamentos de valor. (FIORIN, 2004, p. 109)

Ainda nesse texto, Fiorin esclarece que estudar essa metalinguagem cotidiana é uma questão política:

que só deve ser combatida (...) na medida em que as simplificações e as idéias falsas que ela veicula podem apresentar um perigo de natureza ideológica, podem dificultar a compreensão do outro, podem dar argumentos a todas as formas de preconceitos e de exclusões, podem servir de base até mesmo as idéias racistas. (p. 110)

Assim, ao dar esse espaço para o dizer do aluno, meu intuito aqui é refletir sobre as nossas práticas de ensino de língua portuguesa a partir dessa “metalinguagem cotidiana”, que para mim, longe de ser simplista, pode colaborar para que as reflexões dos que trabalham com a linguagem tenham como base uma necessidade concreta, em outras palavras “tenham os pés no chão”.

Diante do objeto de estudo desta dissertação, no próximo item será dada maior atenção a alguns trabalhos que se detiveram a estudar especificamente a produção escrita de estudantes que concluíram o ensino médio (vestibulandos e calouros universitários).

1.2 O QUE ALGUNS JÁ DISSERAM...

Extinta dos exames vestibulares na década de 1960, a prova de redação voltou a fazer parte desses processos de seleção no final da década de 1970 e colocou em evidência a dificuldade dos candidatos a uma vaga na universidade em se expressarem por meio da linguagem escrita. Isso fez com que alguns pesquisadores, na época, se debruçassem sobre o tema, analisando a produção escrita desses vestibulandos sob diferentes perspectivas a fim de buscar formas de sanar tal problema.

Sob o patrocínio da Fundação Carlos Chagas, por exemplo, de acordo com o levantamento realizado por Luna (2004), foram publicados em 1976 os seguintes trabalhos: *O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: concordância verbal* (CARONE, F. B.); *O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: distribuição dos pronomes demonstrativos estudo das formas este e esse* (FERNANDES, M. do S. N.) e *O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: sistema de preposições* (RODRIGUES, A. N.). Em 1977: *Redações no vestibular: algumas estratégias* (LEMOS, Cláudia T. G. de); *Estudo do período, uma proposta pragmática* (PECORA, A.); *Redações no vestibular: uma abordagem sociolingüística* (BACEGGA, M. A.) e *Redações no vestibular: provas de argumentação* (OSAKABE, H.). Sobre o resultado desses trabalhos, Luna (2004, p. 26) afirma “as pesquisas mostram que, infelizmente, os estudantes chegam às portas da Universidade, depois de longos anos de escolaridade, sem capacidade de ordenar as idéias de um modo lógico, coerente”.

Essa afirmação de Luna reforça a necessidade de trabalhos que tenham por objeto de estudo a produção escrita dos estudantes. Afinal, se após anos de escolarização a maioria dos alunos não têm domínio dessa modalidade da linguagem, é preciso investigar o que de errado tem ocorrido nas aulas de língua portuguesa, no decorrer dos anos do ensino fundamental e médio.

Para minha surpresa, no entanto, não encontrei muitos trabalhos que tivessem como foco o estudo da produção escrita de estudantes concluintes do ensino médio e/ou vestibulandos. Parece-me que o retorno da prova de redação aos vestibulares no final da década de 1970 propiciou certa motivação para realização de alguns trabalhos naquela época como os da Fundação Carlos Chagas,

mencionados anteriormente, *Problemas de redação*, de Pécora, cuja primeira edição foi publicada em 1983 e *Crise na linguagem*, de Rocco, tese defendida e publicada em 1981. Além de Pécora e de Rocco também veremos as contribuições trazidas por Val em seu trabalho, de 1991 e Luna, cuja dissertação foi defendida em 1993.

O livro de Pécora, *Problemas de redação* - já mencionado na introdução -, traz parte do trabalho realizado pelo autor no projeto da Fundação Carlos Chagas:

A fundação tinha sido responsável, até então, pelo Instituto CESCEM, que atendia aos candidatos concentrados na área de ciências médicas e biológicas, e mostrava-se disposta a ceder o material da prova de redação de seu último vestibular, cujo tema havia sido “Nenhum homem é uma ilha”. Sob a coordenação da prof.^a Dr.^a Ada Natal Rodrigues, convidou-se um grupo de dez especialistas em Lingüística, sendo que cada um deles deveria receber um conjunto de 60 redações, retiradas aleatoriamente do total produzido (cerca de 6000), e elegeu um objeto particular para um diagnóstico de sua ocorrência nas redações. Pessoalmente, coube-me como objeto o período. (PÉCORA, 1999, p. 10)

Além dessas redações de vestibulandos, o *corpus* analisado por Pécora, no livro, – cerca de 1500 redações - foi constituído por textos de alunos do Ciclo Básico do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP (primeiro e segundo semestres), na disciplina “Prática e Produção de Textos”, dos anos de 1978 a 1980, com o objetivo de apresentar: “um diagnóstico dos problemas mais recorrentes encontrados na produção escrita de vestibulandos e alunos de primeiro ano da universidade, e de uma análise desse diagnóstico, à meia-luz do *abat-jour* das noções de relativas ao discurso” (PÉCORA, 1999, p. 19).

Após certo “desamparo”, pois, segundo Pécora (1999, p. 13, “havia mais problemas naquelas folhas de papel do que a nossa vã metodologia poderia suportar”, o autor se concentrou em elaborar “uma tipologia mínima de problemas e dificuldades mais recorrentes nas redações analisadas, segundo o tipo de operação lingüística implicada nessas dificuldades” (PÉCORA, 1999, p. 13), para, a partir disso, propor uma divisão em três unidades: “problemas na frase (ou na oração, para ecoar com os outros problemas), problemas de coesão e problemas de argumentação” (PÉCORA, 1999, p. 24). Em cada unidade, Pécora apresenta uma lista de trechos de textos com problemas de escrita e na seqüência sua análise.

Na unidade *Problemas de oração*, Pécora inclui problemas referentes à acentuação, pontuação e léxico inadequado ao contexto. Segundo o autor, uma possível explicação para o problema de acentuação encontrado nos textos seria “uma falha no processo de alfabetização do usuário: de alguma forma, este não

chegou a dominar inteiramente as normas de acentuação do português escrito – e é apenas isso” (PÉCORA, 1999, p. 34). Para o caso dos problemas de pontuação, o autor lembra que “o fato que eu saiba enunciar oralmente um contínuo verbal com pausas adequadas não me garante o conhecimento das normas que regulam o emprego dos sinais gráficos de pontuação” (PÉCORA, 1999, p. 38). Assim, esses dois problemas põem em evidência uma mesma questão: “eu não posso manipular a escrita como se ela não passasse de uma fala, eu não sou capaz de significar por escrito se eu não domino as normas específicas que organizam seu emprego” (PÉCORA, 1999, p. 41).

Aí Pecora toca um assunto bastante pertinente: a escrita não é a representação da oralidade, cada uma dessas modalidades com a língua têm as suas especificidades. No entanto, como afirma Castro (2005, p. 24):

O aluno não que não é alertado de que a escrita não é igual à oralidade, de que a fala possui certas facilidades que a escrita não contempla, fica estagnado na falsa ilusão de que escrever se resume em registrar por escrito aquilo que comumente falaria para seu interlocutor.

É uma questão aparentemente simples, mas que posta de lado, gera uma falsa concepção do que é a escrita e pode dar origem a uma série de problemas. Para exemplificar, basta lembrar, como nos esclarece Castro (2005, p. 24), de uma diferença fundamental: “a presença do interlocutor na oralidade e sua ausência durante o ato da escrita”. Pécora também fala sobre isso ao analisar os *Problemas de coesão textual*. Na fala, por exemplo, a presença do interlocutor diante de quem diz algo colabora muito para o processo de interação, pois, é possível ao sujeito, durante a sua fala, adequar o que diz (fazer correções ao que disse, usar outras palavras, usar gestos etc.) a partir das reações que percebe do seu interlocutor. Isso, porém, não é possível na escrita: o sujeito que escreve não está diante do seu interlocutor, mas tem em mente imagens que ele próprio constrói do seu interlocutor (e do próprio processo de escrita): “essa condição singular da escrita, que deixa a sós o sujeito e suas imagens, não apenas dificulta a percepção de seu grau de ajuste ao interlocutor, como também cria a exigência de que o texto, e apenas ele, cerque-se de cuidados em relação a própria coesão” (PÉCORA, 1999, p. 76). Portanto, nas duas, tanto na oralidade quanto na escrita o objetivo é dizer algo para

meu ouvinte ou leitor, considerando a imagem que tenho dele, o que acaba sendo mais exigente para a escrita, devido a sua ausência.

Ainda hoje, segundo o que foi possível perceber nos textos dos alunos, os alunos podem chegar ao término do Ensino Médio entendendo essas modalidades de uso da língua como muito semelhantes:

Escrever também significa falar bem, a escrita e a fala necessitam muito de leitura, a leitura é a base de tudo. (texto 50)

Escrever é falar, argumentar sobre algo ou causas que acontecem, isso se faz com coerência dando sentido ao que se escreve. (texto 75)

Sobre outra característica da imagem que o aluno foi construindo da escrita ao longo de sua formação, Pécora, comenta, ao analisar a ocorrência de *léxico inadequado ao contexto*,: “um bom desempenho na escrita apresenta necessariamente uma grande variedade lexical ou vocabular” (PÉCORA, 1999, p. 48). Assim, ao escrever, o aluno utiliza em seu texto palavras e/ou expressões rebuscadas, que na maioria das vezes apenas ocupam espaço no texto, sem que tenha sentido em sua construção; a idéia é impressionar.

Também foi possível identificar nos textos essa necessidade de se buscar enriquecer o vocabulário pra produzir bons textos:

Escrever um texto correto, sem erro com pontuação, acentos e vírgulas ter um vocabulário extenso e diverso. (Texto 103)

Uma boa escrita é desenvolvida de acordo com o que cada pessoa faz no decorrer do seu dia, depende se tem o hábito de ler livros, ficar bem atualizado com as notícias e outros hábitos fundamentais para se obter um bom vocabulário (Texto 107)

Para ter uma boa escrita, em primeiro lugar é preciso ter conhecimento do que está escrevendo, isto é, um rico desenvolvimento e um vocabulário sem gírias. Esse é um dos princípios básicos para se escrever bem. (texto 112)

Escrever bem é primeiramente ter um português correto, seguido de boas idéias, vários argumentos, um vocabulário rico, com palavras interessantes, mas com nexos. (texto 113)

No livro de Pécora, essa discussão sobre a utilização de palavras com objetivo de impressionar o leitor tem continuidade no item *Problemas de coesão textual*, onde Pécora analisa trechos com uso equivocado de relatores, relações sem sentido e estratégia de preenchimento, problemas que segundo o autor deixam evidentes que “os fracassos do *corpus* têm origem uma falsa especificidade da escrita” (PÉCORA, 1999, p. 72).

Assim, fica o questionamento: quais as imagens de interlocutor e de escrita que os alunos, autores dessas redações, têm em mente? Qual é a imagem que o aluno ao concluir o ensino médio tem de escrita? Insisto em dizer que vejo que esses são questionamentos pertinentes, pois conhecer esse imaginário pode nos dar pistas para fazer uma avaliação de nossa prática e a partir disso redirecionar as aulas de produção de texto, a fim de que elas possam, de fato, contribuir para que os alunos tenham o domínio da escrita.

Pécora chega a falar sobre uma “falsa relação” entre o produtor do texto e seu leitor, em *Problemas de argumentação* considerando que: “Todos os problemas que foram identificados até o momento configuram problemas de argumentação na medida em que testemunham o fracasso das ocorrências para instituírem uma relação intersubjetiva de significação” (PÉCORA, 1999, p. 90). Nessa unidade, o autor analisa trechos nos quais não há nada “que testemunhe a ação particular de um sujeito da linguagem” (PÉCORA, 1999, p. 105), como ocorrem, por exemplo, no emprego de noções confusas e lugar comum.

O autor salienta que, ao contrário do que muitos possam imaginar, boa parte desses problemas não apareceu de forma isolada no *corpus*, mas “a forma característica de manifestação dos problemas de textos escritos na universidade está na sua ocorrência em bloco” (PÉCORA, 1999, p. 114). Na tentativa de entender os fatores que estão por traz destes problemas, Pécora (1999, p. 118) chega à conclusão de que:

o conhecimento do que a escrita tem de mais específico exige menos cuidados técnicos, e mesmo pedagógicos, do que os de atualizar uma concepção ética de linguagem. Esta é a grande ausência que se manifesta na caracterização dessa lista de fracassos: são 13 tipos,

mas todos eles foram criados na tentativa de reproduzir os moldes fornecidos pelo figurino oficial.

Penso que essa ainda é a grande ausência que se verifica nos trabalhos com a linguagem: falta uma concepção ética. Isso nos remete, como já citei anteriormente, a fala de Fiorin que critica o distanciamento entre o dizer teórico de alguns lingüistas e as exigências da prática social efetiva da linguagem pelas pessoas comuns.

Será que, hoje, as aulas de língua portuguesa e mais especificamente de produção de texto têm estimulado os alunos a se perceberem como sujeitos da linguagem? Os temas discutidos nessas aulas e transformados em proposta de redação têm contribuído para a formação desses sujeitos da linguagem? Ou as atividades desenvolvidas nas salas de aula têm ainda ares de artificialidade, o que levam os alunos a reproduzirem idéias e modelos de texto e de “língua” que não são seus?

Outro trabalho em que há também a preocupação de estudar a produção escrita de alunos é *Crise na linguagem: a redação no vestibular*, de Maria Thereza Fraga Rocco, originalmente apresentado como tese de doutorado em 1981, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e publicado como livro no mesmo ano.

Neste trabalho, a pesquisadora apresenta a análise de 1500 redações de candidatos ao vestibular da Fuvest realizado em 1978. Na época, a autora já possuía uma experiência de 12 anos de contato com textos produzidos por crianças e adolescentes de diferentes níveis de ensino, o que a levou a identificar uma *crise na linguagem escrita* pois:

A leitura e análise atenta desses escritos dão mostra de que, sem qualquer intenção purista, sem qualquer tipo de atitude normativa, mas apenas com uma preocupação com o normal, algo de estranho está ocorrendo com grande parte dos textos. (...) Tais textos mostram-se problemáticos quanto ao nível de produção discursiva como um todo: percebe-se que a expressão, a comunicação escrita está se tornando insuficiente e talvez deficiente. Nota-se, entre outros problemas, carência de nexos, de continuidade e quantidade de informação, ausência de originalidade etc. (ROCCO, 1981, p. 30)

Preocupada com esses problemas encontrados nos textos, a autora decide por trabalhar com textos de vestibulandos devido a dois motivos: “para obter dados

representativos e relevantes de uma certa realidade de linguagem, seria preciso, sobretudo ao se pensar em redação, tentar eliminar o mais possível determinadas diferenças e flutuações de contexto, sempre presentes na produção textual.” (ROCCO, 1981, p. 25). O trabalho com textos de vestibular também permitia “uma reflexão bastante séria sobre educação em geral e, especificamente, sobre os níveis de aquisição e desempenho em língua materna, pois, trabalhando sobre textos de vestibulares, é possível fazer-se diagnósticos sobre um passado escolar muito próximo, de ensino de 1º e 2º graus, e esboçar prognósticos relativos ao desempenho escrito, também de nível superior” (ROCCO, 1981, p. 26).

Tendo como foco o “estudo de aspectos relativos à competência discursiva, aos nexos lógicos de um texto como um todo” (ROCCO, 1981, p. 59), e considerando que em geral o grupo dos vestibulandos é constituído por jovens com idade superior a 17 anos, Rocco, baseada nos estudos de Jean Piaget e do grupo de Genebra, formula a hipótese de que: “tais indivíduos, quando as circunstâncias o exigirem, podem e devem criar textos coerentes, originais, de níveis mais elaborados e não necessariamente lineares” (ROCCO, 1981, p. 31).

Rocco afirma, quase num desabafo, que, encontrou muita dificuldade para delimitar os critérios que nortearam a sua análise: “o trabalho de busca, de procura, foi realmente estafante” (ROCCO, 1981, p. 58), pois nomes como Halliday, Michel Charolles, Haqira Osakabe, entre outros eram “precursores, possíveis fundadores de uma gramática do texto que ainda está por fazer” (ROCCO, 1981, p. 58).

Com base nos trabalhos desses *precursores da gramática do texto*, e de acordo com proposta de redação da Fuvest em 1978, que solicitava aos candidatos que escrevessem sobre o tema abaixo:

Imagine a seguinte situação:

- Hoje você está completando dezoito anos.
- Nesta data, você recebe pelo correio uma folha de papel em branco, num envelope em seu nome, sem indicação do remetente.
- Além disso, você ganha de presente um retrato seu e um disco.

Refleta sobre essa situação.

A partir da reflexão feita, redija um texto em prosa, sem ultrapassar o espaço reservado para a Redação no Caderno de Respostas (ROCCO, 1981, p. 59),

Rocco, no capítulo “Critérios em esboço”, faz uma descrição detalhada dos aspectos que foram observados nas redações, exemplificando-os com os trechos dos textos do *corpus*:

- *Coesão*: “ligação lógica e pertinente que deve necessariamente expressar-se na frase e interfrases; no parágrafo e inter-parágrafos, e que se exteriorize, no texto, como um todo, quando da relação de suas partes” (ROCCO, 1981, p. 60);
- *Clichês e frases feitas*: “uso banal, excessivo e repetido de expressões já vazias de significação” (ROCCO, 1981, p. 66);
- *Presença de linguagem original e criativa, verificada através de achados formais, surpresa e/ ou suspense*: “tipo de solução formal encontrada e que, ao mesmo tempo em que resolve um problema de expressão, rompe com a redundância do código e do repertório, fugindo completamente aos estereótipos” (ROCCO, 1981, p. 69);
- *Correspondência (ou não) entre o tema proposto e o texto criado*;
- *Tipo de discursos predominantes* (narração, descrição, dissertação, discurso não-definido).

No capítulo seguinte - *O jogo de dados* -, Rocco faz uma relação minuciosa entre as informações sócio-econômicas dos candidatos – faixa etária, situação econômica, escolaridade dos pais, sexo, proveniência escolar, frequência ou não a cursinhos pré-vestibulares – e os problemas encontrados nos textos. De acordo com esse levantamento Rocco traça um perfil dos candidatos ao vestibular da Fuvest: a maioria dos candidatos possuíam de 19 a 22 anos, 53,1% homens e 46,2% mulheres, apenas 0,3% dos candidatos pertenciam a famílias com renda de aproximadamente 2 salários mínimos, a maioria eram alunos de escolas públicas (50,7%), 71,3% tinham frequentado curso pré-vestibular.

Além dessas informações sócio-econômicas há também um item referente ao tipo de prova preferido pelo candidato: “33,1% dos candidatos preferem prova de múltipla escolha; 27,9% optam por pergunta com resposta curta; 29,3% declaram-se indiferente aos tipos de provas” (ROCCO, 1981, p. 93). Ainda em relação ao tipo de prova preferido, Rocco acrescenta que “apenas 6,9% dos candidatos optou por provas com resposta longa” (ROCCO, 1981, p. 93). Isso leva a autora a estabelecer a seguinte relação entre os dados e o texto produzido pelos candidatos:

Penso que tais índices de preferências, ainda que não sejam os causadores, podem estar ligados, mais como decorrência, aos muitos dos graves problemas encontrados na produção de textos. Assim por hipóteses, como quase não redigem (posto que até há pouquíssimo tempo tudo era medido por testes de respostas curtas (quando não curtíssimas do tipo Sim, Não), os indivíduos passam a não saber e a não gostar de escrever e, por não saberem,

procuram, num círculo extremamente vicioso e viciado, fixar-se ainda mais ao nível dos enunciados lingüísticos muito simples, muito pouco elaborados e, portanto, muito menos comprometedores e arriscados. Se isso for verdadeiro, penso que a reintrodução de Redação nos vestibulares irá, de certa forma, romper tal círculo, ainda que não sane todos os problemas. (ROCCO, 1981, p. 94)

Antes de passarmos para a próxima parte de seu trabalho, vale comentar que, passados 20 anos desse retorno da prova de redação aos vestibulares não produziu esse resultado previsto por Rocco, novamente aqui, voltamos a “ausência de uma concepção ética de linguagem”.

No capítulo seguinte - *Exemplos nada exemplares* - Rocco discorre sobre os diversos problemas identificados nos textos, ilustrando com exemplos encontrados em diferentes produções. Assim como Pécora afirma que redação não *há nada que testemunhe a ação de um sujeito da linguagem*, Rocco, ao se deparar com o problema dos clichês nos textos conclui: “Realmente, chega-se a pensar que o vestibulando, em geral, não pensa que exista interlocutor. Talvez nem mesmo, posto que desprovido de autocrítica, acredite que o examinador seja alguém capaz de observações, análise e um certo domínio de linguagem” (Rocco, 1991, p. 196). Sem se referir claramente a idéia de *jogo de imagens*, um pouco mais adiante Rocco, também percebe que há uma preocupação do candidato em demonstrar erudição para o corretor: “Verifica-se também, pela análise dos textos, que os vestibulandos estão muito preocupados em mostrar erudição. Gostam de afirmar que lêem bastante, citam compositores consagrados e criadores de literatura.” (Rocco, 1981, p. 210)

A extensa análise realizada leva a autora, em *Possíveis conclusões*, a traçar o seguinte panorama apresentar a seguinte síntese do resultado do trabalho:

Dentre os 1500 textos analisados, apenas 156 redações, correspondentes aos chamados textos sem problemas (116 casos = 7,7%) e textos com presença de linguagem criativa (40 casos= 2,7%) não apresentaram os defeitos (um, alguns, todos) apontados nos Critérios em Esboço. Vê-se, portanto, que pouco mais de 10%, mais precisamente, apenas 10,4%, conforme já explicitiei no capítulo precedente, foge a regra geral dos textos problemáticos. (ROCCO, 1981, p. 248)

Desta forma, “a linguagem dos vestibulandos, de modo geral, caracterizou-se como não-coesiva, incoerente, apresentando sérias rupturas de nexos lógicos, altamente permeada de clichês e frases feitas e muito pouco, ou melhor, raríssimamente original e criativa” (ROCCO, 1981, p. 247). Sem atribuir a culpa

desses resultados a ninguém ou a algum motivo específico, Rocco sugere que uma das possíveis soluções para o que ela chama de *crise da linguagem* estaria em “um extenso movimento educacional” que permitisse a “libertação do imaginário” nas escolas, na “busca pela originalidade de cada um, na revitalização da imaginação criadora e valorização do devaneio” (ROCCO, 1981, p. 268). No entanto, antes dessa “busca pela originalidade e valorização do devaneio” sugeridas por Rocco, penso que, como disse Pécora, está a necessidade de se *atualizar uma concepção ética de linguagem*, ou seja, uma concepção que permeie ações, discussões e atividades em sala de aula voltadas à formação de sujeitos da linguagem.

Preocupada com a textualidade dos textos dos vestibulandos, a professora Maria da Graça Costa Val, em *Redação e Textualidade*, faz uma análise de 100 redações produzidas por candidatos curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Após discorrer sobre os aspectos que constituem a textualidade, na perspectiva do lingüista francês Charolles – *continuidade, progressão, articulação, não-contradição* - a autora traz algumas informações sobre o contexto de produção das redações analisadas e do perfil sócio-econômico dos candidatos:

Seus integrantes, em sua maioria indivíduos com idade entre 17 e 22 anos, trabalhavam e contribuíam para a renda familiar na ocasião do concurso. A maior parte deles provém de famílias em que o pai e a mãe têm nível médio de escolaridade, o pai é profissional de nível médio e a mãe é dona-de-casa. No 2º grau, maioria deles estudou em escola particular, durante o dia, fazendo curso regular (e não supletivo ou madureza), e não frequentou cursinho. (VAL, 1999, p. 48)

Na seqüência, ela coloca as redações (na íntegra) que exemplificam as falhas estudadas e, por último, os textos com *bom padrão de textualidade*.

Ao analisar a relação entre os interlocutores no contexto do vestibular, Val toca na questão de poder que está estabelecida entre eles e, da mesma forma que Pécora e Rocco, identifica certo “artificialismo” nessa relação:

A relação que se estabelece entre os interlocutores, em razão dos lugares que ocupam, é uma relação de poder, em que o produtor se submete ao que ele imagina se a vontade do receptor. Esse jogo de representações mentais, no entanto, se processa de forma distorcida, porque os protagonistas de fato não se conhecem e se baseiam em suposições estereotipadas sobre a figura do outro. Mais um artificialismo resulta do próprio objetivo do pretense ato de comunicação. A intenção não é dizer alguma coisa, mas demonstrar que se tem o domínio de uma modalidade do código e, com isso, angariar aprovação no concurso. Nesse caso, às vezes, pode ser mais conveniente se esconder do que se mostrar, dizer não

o que realmente se teria a dizer, mas apenas o dizível, o considerado adequado para a circunstância. (VAL, 1999, p. 50)

Apesar disso, o resultado da análise dos textos desses vestibulandos demonstrou “razoável sucesso na aprendizagem dos aspectos envolvidos na produção de texto que dependem de instrução e treinamento” (VAL, 1999, p. 122), tais como “domínio de norma padrão escrita e do modelo usualmente adotado para textos dissertativos” (VAL, 1999, p. 123). Assim, embora a análise não tenha revelado grandes problemas dos alunos com relação aos aspectos formais da construção de texto, a autora conclui:

Para mim, as redações analisadas neste trabalho, em sua maioria *certinhas* e *arrumadinhas*, mas desinteressantes e inconsistentes, são o fruto inevitável das condições de produção a que foram submetidos seus autores, não só na hora do vestibular, mas provavelmente, na maioria das vezes em que escreveram na escola. (VAL, 1999, p. 127-128)

Com a preocupação de estudar o uso da elipse como elemento de coesão textual, Luna analisa 80 redações que foram produzidas por vestibulandos da Universidade Federal de Pernambuco e que: “fazem parte do acervo do vestibular de 1993 e resultam do objetivo proposto pela COVEST/ COPSET⁷: o candidato é chamado a elaborar uma dissertação pela qual demonstre capacidade de contextualização e organização das idéias, com correção e clareza” (LUNA, 2004, p. 16).

Na realização desse trabalho, um dos aspectos que despertou a atenção da pesquisadora foi o fato que embora a elipse seja uma marca de coesão textual sua abordagem (em dez gramáticas tradicionais estudadas) localiza-se predominantemente no “apêndice”, por isso ela questiona: “Será que professores vão até as últimas páginas e as retomam, ou será que não há sintonia entre o que se ministra no ensino médio e cursinhos e se cobra nas redações?” (LUNA, 2004, p. 14).

Assim como outros autores que se detiveram a estudar textos de vestibulandos, Luna estabelece uma relação entre a escola e a “crise da linguagem”:

⁷ Comissão do Vestibular das Universidades Federal e Rural de Pernambuco.

As mudanças ocorridas na escola, somadas a fatores de outras ordens, como a transformação acelerada da sociedade que a escola não consegue acompanhar, ou a expansão dos meios de comunicação de massa, que a escola não soube ou não pôde aproveitar, isso ajuda a entender as origens das deficiências de expressão, mais notáveis na língua escrita, geralmente diagnosticada como “crise na linguagem”. Tomando consciência dessa crise, a Universidade procurou, e procura ainda, os meios de resolvê-la. (LUNA, 2004, p. 34)

Um pouco adiante em seu texto, Luna faz uma consideração importante sobre o que seria essa “crise da linguagem”:

Ainda sobre a crise de linguagem nas redações, ancoradas nos diversos autores já mencionados, inadequações apresentadas pelos vestibulandos são as dificuldades de ordenar idéias e o desconhecimento da maior parte dos instrumentos gramaticais de coordenação e subordinação, e a pobreza dos recursos utilizados na construção do período. Estes pontos são constatados ou melhor explicitados no sentido de que não são instrumentos gramaticais de coordenação e subordinação que o vestibulando desconhece, mas as suas regras de uso no discurso reflexivo escrito. (LUNA, 2004, p. 35)

Aqui cabe lembrar o comentário de Rocco quando ela dizia que a reintrodução da prova de redação poderia provocar algumas melhorias dos textos dos alunos (cf. ROCCO, 1981, p. 94). Para Luna, no entanto, as pessoas que não estão acostumadas com a prática da escrita passaram a se submeter a “treinamentos de técnicas redação”: “O fato é que a introdução da redação fez com que pessoas que não tinham o hábito de escrever passassem a ser treinadas em técnica de redação, embora esse treinamento, muitas vezes fosse reduzido a um repertório de chavões e frases feitas” (LUNA, 2004, p. 35).

No início de seu trabalho – introdução e segundo capítulo -, portanto, Luna faz algumas reflexões sobre o vestibular, sua relação com a educação básica, o papel da escola na formação de estudantes que alcance o efetivo domínio da escrita (e também da leitura), e da proposta curricular do estado de Pernambuco. Já no capítulo seguinte, ela apresenta, a fundamentação teórica que sustentará a análise dos textos – a abordagem da elipse por algumas gramáticas e a diferenciação dos conceitos de elipses nominal, verbal e oracional, segundo Halliday e Hasan. Assim finalmente no quarto capítulo, Luna faz uma análise bastante técnica das redações, identificando o tipo de elipse em cada texto estudado. Com relação ao que ela denomina por “elipse do ponto de vista gramatical” o resultado é o seguinte:

De oitenta redações utilizadas, temos, a nível de percentual, a seguinte estatística: o maior índice de omissão ocorre com o pronome sujeito, 46,34%; as palavras de ligação (preposição e conjunções) estão em segundo lugar, com 30,66%; seguida da elipse de verbos, com 14,73%; em quarto plano, encontramos a omissão dos substantivos, com 4,87%; e, por último, os complementos verbais, com 3,40% de ocorrência. Tudo isto perfaz um total de 87,5% de ocorrências, e, conseqüentemente, 12,5% de não ocorrências (LUNA, 2004, p. 107)

Ao que se refere a “elipse do ponto de vista funcional” (LUNA, 2004, p. 107), de acordo com as classificações propostas por Halliday e Hasan, Luna identifica que a maior ocorrência foi de elipse nominal, seguida da elipse verbal e segundo a autora, uma “quantidade inexpressiva” de elipse oracional. Essa baixa ocorrência de elipses, segundo a autora estaria relacionada à falta de clareza que apresenta boa parte dos textos e também a falta de originalidade, o que a leva a questionar: “Se se tem um recurso que permite tornar o texto mais criativo e original, e se sabe que está sendo julgado, também, por este critério, então por que não usá-lo?” (LUNA, 2004, p. 104).

Luna reforça a importância do estudo da elipse, afirmando que: “Estudar a elipse, sim, porque significa uma postura amadurecida de domínio de língua quando se pode perguntar: o que se tem a mais no texto que pode ser retirado sem prejuízo da compreensão, e quando não se pode fazê-lo porque o tornará incompreensível” (LUNA, 2004, p. 112). No entanto, sem desconsiderar o trabalho de Luna, quando volto aos textos analisados pelos outros autores (Pécora, Rocco e Val, por exemplo, e até mesmo nos analisados por Luna) e também nos textos cuja análise apresentarei no próximo capítulo, me questiono se realmente é pertinente falar em “postura amadurecida de domínio da língua”, quando o problema parece-me que está em algo anterior: uma concepção do que é a escrita, como posso usá-la, para que e para quem.

Luna reconhece, no final do seu trabalho, que os problemas encontrados extrapolam o aspecto do uso da elipse, que explica o mau desempenho dos alunos nas provas de redação: “Analisamos a questão lingüística em si, ‘a elipse’, mas esta análise não é suficiente para explicar a atuação inadequada dos vestibulandos na prova de redação. O texto escrito deixa a desejar” (LUNA, 2004, p. 115).

Conforme disse no início dessa dissertação, esses trabalhos de certa forma ilustram um tipo de abordagem comum da produção escrita de vestibulandos e calouros na universidade. Os autores, amparados pela perspectiva teórica que adotam, analisam as redações, identificando a partir disso o “estado da escrita” de um determinado grupo. São listados os inúmeros problemas encontrados, que vão

desde problemas de emprego da norma culta à ausência de identidade dos autores nas produções, levando os pesquisadores, como no caso de Rocco (1981) e Luna, a afirmarem que os textos produzidos por esses jovens revelam uma *crise na linguagem*.

Não é meu objetivo aqui avaliar a pertinência dos temas e das propostas de provas de redação dos vestibulares que constituíram o *corpus* dos trabalhos a que me referi, entretanto, é interessante observar que as redações analisadas por esses autores versam sobre diferentes temas, por exemplo, *violência social* (UFMG) e o episódio bastante peculiar sugerido pelo tema da Fuvest de 1978 (ver p. 15). Não aparece nesses trabalhos uma proposta que convide o aluno a expressar o que ele entende por escrita. Acredito que durante os anos em que estive na escola, o aluno foi constituindo o seu imaginário sobre o que é a escrita, afinal, nesse período realizou atividades diversas, teve contato com diferentes professores, materiais didáticos e colegas.

Retomando Pécora (1999, p. 4), quando no início de seu livro afirma que “faltava descobrir uma face essencial do problema: a face do aluno”, penso que ainda há muito o que descobrir desse aluno. Mas conhecer esse aluno, não somente por dados estatísticos que delimitem um perfil sócio-econômico, como vimos em alguns dos trabalhos acima. Quando falo em conhecer esse aluno, entendo que é importante saber o que ele, como sujeito, pensa sobre linguagem, já que ele é constituído por ela. Por que não dar espaço para que ele se expresse, se “apresente”, para que a partir disso possamos avaliar o trabalho até então desenvolvido, corrigir problemas e pensar em novas propostas?

É nesse sentido que, no próximo capítulo, apresentarei uma tentativa de conhecer um pouco o discurso sobre a escrita de alguns alunos prestes a concluir o ensino médio. Penso que eles têm muito a dizer. “Olhar” para essa experiência poderá nos trazer contribuições significativas e redirecionar a nossa prática.

2. A VEZ DOS ALUNOS

Várias situações foram confirmando o meu interesse pelo tema deste trabalho: minha experiência anterior à universidade como aluna (de escola pública, de ensino médio profissionalizante em uma escola particular, de cursinho pré-vestibular), as discussões e leituras em algumas disciplinas de minha graduação em Letras, a realização de meu estágio de licenciatura, aulas particulares de redação para alunos de ensino fundamental, de ensino médio e de vestibulandos, alguns trabalhos como revisora de textos (principalmente de textos acadêmicos), minha monografia de final de curso, etc. Porém, houve um fator determinante para que eu definisse o objeto de estudo desta dissertação: assumir, durante o segundo semestre de 2007, aulas de Língua Portuguesa em turmas de terceiro ano do ensino médio de um colégio da rede pública. Consciente de que não podia chegar nessas turmas desconsiderando toda a bagagem que os alunos já possuíam a essa “altura do campeonato” - afinal já havia passado meio ano e estavam prestes a concluir o ensino médio... – pensei em propor uma atividade em que eu pudesse conhecer um pouco além do que os livros com as notas e marcações de conteúdos podiam me mostrar dos alunos de cada turma.

Por isso, no primeiro dia de aula, em cada uma dessas turmas, propus a seguinte atividade: *Faça um texto respondendo a seguinte questão: “O que é escrever bem?”* A idéia inicial era que essa atividade me ajudasse no direcionamento das minhas próximas aulas. Mas, ao receber e ler cada um desses textos, percebi que tinha em mãos um material muito interessante e que, por isso, merecia uma análise mais aprofundada que pode evidenciar a imagem que o aluno, ao longo de sua experiência escolar, construiu de escrita.

Com o objetivo de identificar as vozes sociais que constituem esse imaginário, apresento neste capítulo algumas informações gerais sobre os autores dos textos e o *corpus* e, em seguida a análise de alguns dos textos que são representativos do grupo.

2.1 QUEM IRÁ DIZER?

Os textos que serão analisados neste trabalho foram produzidos por alunos de cinco turmas de terceiros anos do ensino médio, de uma escola pública da região metropolitana de Curitiba. Dessas cinco turmas, duas eram do período matutino e três do período noturno.

Comecei a trabalhar, primeiramente, com as turmas do período noturno, no mês de agosto de 2007, e somente dois meses depois (outubro), assumi as aulas também das turmas do período matutino.

Embora o tempo de convívio tenha sido pequeno, não foi difícil perceber várias diferenças entre o perfil dos alunos do turno da manhã e da noite, por meio de suas atitudes em sala, opiniões apresentadas nas discussões durante as aulas e até mesmo pelas conversas informais nos intervalos. Não é minha intenção aqui “rotular” esses alunos, separando-os entre “alunos da manhã” e “alunos da noite”. Ao mencionar algumas das características dessas turmas desses dois turnos meu intuito é fornecer algumas informações que possam ajudar a traçar um panorama geral acerca dos autores dos textos que analisarei.

As três turmas da manhã, em geral, eram formadas por alunos que já estudavam neste mesmo colégio há certo tempo (pelo menos desde o início do Ensino Médio); não havia muita diferença de idade entre os alunos, a maioria deles tinha entre 16 e 18 anos; boa parte dos alunos morava no mesmo bairro em que o colégio se localiza; alguns alunos dessas turmas trabalhavam no período da tarde (em lojas da região ou do centro de Curitiba) e apenas um trabalhava à noite em um restaurante; não havia diferença significativa entre o número de alunos e alunas, as turmas eram bem “mistas”.

Nas turmas da manhã, a maioria dos alunos prestaria vestibular no final do ano (poucos na Universidade Federal do Paraná, a maioria em instituições particulares onde também tentariam bolsas pelo Prouni). Somente uma aluna conciliava às aulas do ensino médio as de um cursinho pré-vestibular, que freqüentava na parte da tarde.

Já nas turmas da noite, era possível identificar uma maior diversidade embora a maioria estivesse entre uma faixa etária de 18 a 20 anos, também havia alunos que precisaram interromper os estudos, há 10 anos ou mais, devido a questões

econômicas, impossibilidade de conciliar estudo ou trabalho ou por questões familiares, e, agora, retornavam para finalizar o ensino médio.

A maioria dos alunos do período noturno trabalhava, conciliando à jornada integral de trabalho as aulas noturnas e também a família (cuidando da casa e de filhos). Embora a maioria também morasse na região do colégio, havia alguns que, por morarem em outros bairros, utilizavam o transporte escolar da prefeitura da cidade. Ao contrário do período da manhã, as turmas desse período eram formadas predominantemente por alunos.

Apenas alguns prestariam vestibular no final desta etapa escolar, a maioria achava que não conseguiria cursar uma faculdade, não apenas por questões econômicas, mas também por considerarem que não tinham condições de serem aprovados em um vestibular, consideravam-se satisfeitos por concluírem o ensino médio, como se tivesse atingido o máximo do que suas condições lhes permitiam. Cerca de 5 alunos, apenas, prestariam vestibular na Universidade Federal do Paraná naquele ano e um grupo de 10 alunos em alguma instituição particular. Não havia nessas turmas nenhum aluno de curso pré-vestibular.

Assim, na primeira aula com esses alunos, apresentei-lhes a seguinte proposta: *Faça um texto respondendo a seguinte questão: “O que é escrever bem?”*. Além disso, a única recomendação (e não regra) foi a de que os textos tivessem de 10 a 15 linhas. A maioria dos textos foi produzida em sala de aula e entregue no mesmo dia em que a atividade foi proposta. No total, foram produzidos 119 textos – 62 das turmas do período matutino e 57 dos alunos do período noturno.

A estas produções de textos não foram atribuídas notas. Após a leitura de cada texto, na aula seguinte em cada turma, fiz um comentário geral sobre as opiniões que foram apresentadas nos textos (e que aqui serão discutidas no próximo item), procurando valorizar o que eles haviam apresentado, afinal, de certa forma, era essa concepção que eles haviam construído durante a trajetória escolar, mas também procurando indicar que tentaríamos rever alguns pontos até o final do ano.

Além de todas essas informações acerca do contexto de produção desses textos, também é relevante considerar que, ao propor essa atividade, tornei-me interlocutora desses alunos nos textos. Desta forma, eles escreveram seus textos para uma professora, que apesar de ser nova na escola, era mais uma professora de língua portuguesa, que poderia não ser muito diferente das demais professoras e professores com os quais eles tiveram aula dessa matéria no decorrer de sua educação escolar. Ao estarem prestes a concluir o ensino médio, possivelmente

tenham uma imagem da “professora ou do professor de língua portuguesa” e do que lhe agradaria. Creio que, mesmo assim, as idéias apresentadas por esses alunos são representativas do imaginário que eles foram construindo sobre escrita, influenciados, obviamente, pelos fatores que o cercavam.

Com relação à utilização desse material neste trabalho, para preservar a identidade dos autores, as redações foram numeradas de forma aleatória para possibilitar a citação aos trechos analisados. Os nomes foram omitidos e a referência, tanto para os **alunos** como para **alunas** será feita de maneira genérica por *aluno* ou *autor*. Quanto à apresentação do texto, preservei a forma de escrita de cada aluno, fazendo, quando necessário, apenas correções ortográficas e de concordância verbal e nominal.

2.2 COM A PALAVRA, OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

A análise aqui apresentada foi realizada com o objetivo de identificar as vozes sociais que compõem o imaginário de estudantes concluintes do ensino médio, de uma escola pública, da região metropolitana de Curitiba, sobre escrita.

Assim, procuramos reconhecer, em cada texto, quais idéias, conceitos e opiniões que os alunos associaram a noção de “bom texto”, “boa escrita”, afinal, esses textos podem evidenciar quais as concepções esses alunos construíram ao longo do ensino regular.

Também é importante ressaltar que, devido ao número significativo de redações (um total de 119 textos), de um modo geral, apareceram menções a muitos aspectos referentes à escrita. Mesmo em poucas linhas, a maioria dos alunos conseguiu sintetizar várias opiniões referentes à noção de bom texto.

Para tentar dar conta, o máximo possível, das vozes identificadas nesses textos, optei por trabalhar com trechos dessas produções escritas. Desta forma, um mesmo texto, poderá ser discutido em momentos diferentes da análise, de acordo com as vozes sociais que nele foram identificadas.

Escrever é difícil...

Creio que pelo fato de ter sido estudante de Letras e agora professora de Língua Portuguesa, são diversas as situações em que me deparo com alguém se queixando, muitas vezes exageradamente, sobre a dificuldade que têm com a escrita.

Durante a minha graduação, conciliei às minhas atividades acadêmicas, trabalhos como professora particular de redação e também como revisora de textos. Como professora particular, atendia desde alunos do ensino fundamental, alunos de ensino médio (predominantemente da rede particular de ensino) e pré-vestibulandos.

Apesar do estágio diferenciado de aprendizagem, as queixas em relação à escrita eram muito semelhantes: “não sei escrever”, “não gosto de escrever”, “escrever é muito difícil”. E, de fato, boa parte desses alunos apresentava mesmo muita dificuldade com as produções escritas. Os problemas eram vários: desde

dificuldade com a norma padrão escrita, adequação às especificidades de cada gênero textual, construções de períodos sem sentido, parágrafos desconexos, etc. Porém, entre os meus alunos particulares, também houve – em número menor do que os mencionados anteriormente é verdade - aqueles que, embora se queixassem de terem muita dificuldade com a escrita, conseguiam escrever textos muito bons. Por isso, ficava me questionando (e ainda me questiono) o que houve na trajetória desses alunos que tivesse colaborado com o desempenho deles nas redações, e ao mesmo tempo, na disseminação desse discurso em torno do ato de escrever.

Na mesma época em que trabalhava como professora particular, comecei também a fazer revisão de textos, em sua maioria, textos acadêmicos, como artigos científicos, relatórios de qualificação e dissertações. O discurso dos autores desses trabalhos não era muito diferente do de meus alunos particulares: “tenho bastante dificuldade em expressar minhas idéias por escrito”, “não escrevo muito bem”, “não gosto de escrever”, etc.

Da mesma forma o convívio com os meus colegas de faculdade, do mesmo curso e principalmente de outros, não fugia disso também: era sempre a mesma lamentação e os pedidos para que eu lesse e corrigisse os seus trabalhos se repetiam.

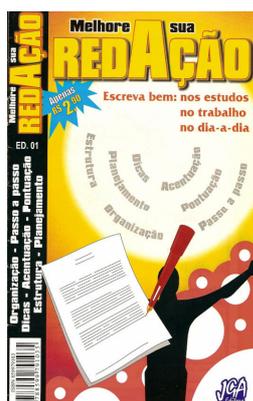
Devido a essas situações (e outras), comecei a observar que afirmações em torno dessa dificuldade em relação à escrita são comuns em diversas situações, não apenas no ambiente escolar ou universitário. Quem nunca ouvir alguém comentando que “escrever é algo muito difícil”, “que não sabe escrever”?

Como exemplo, lembro-me de um episódio que vivenciei durante essa etapa do mestrado (no início do ano de 2007). Durante as férias, reservei um dia para conhecer o Museu da Língua Portuguesa, na Estação da Luz (São Paulo). Como estava em Jundiaí, que fica a poucos quilômetros da capital paulista, optei por fazer o passeio de trem, já que o Museu fica na última estação do trajeto.

O trem, pelo menos no trajeto de Jundiaí a São Paulo, reúne uma grande diversidade de pessoas: trabalhadores, jovens, famílias. Além disso, é comum também a circulação de muitos ambulantes vendendo balas, chocolates, salgadinhos, brinquedos, etc. Os vendedores geralmente anunciam seus produtos falando alto para chamar atenção dos passageiros.

De repente, em meio a toda movimentação e barulho dentro do vagão, uma voz se destacou: “*Curso de redação. Aprenda a escrever bem por apenas R\$ 1,00*”, repetia insistentemente o vendedor. Fiquei muito surpresa e comecei a olhar ao

redor, procurando de onde vinha a voz masculina que anunciava o tal curso. Logo o vendedor, com vários livros nas mãos e na mochila, passou na minha frente e eu, claro, comprei o tal guia de dicas para a escrita. O mais surpreendente é que além de mim, várias pessoas compraram o livrinho e passaram a lê-lo na viagem. Em poucas páginas, segundo a promessa expressa na capa, o leitor poderia encontrar a solução para produção de bons textos: “Melhore sua Redação. Escreva bem: nos estudos, no trabalho, no dia a dia”.



Enquanto folheava o livrinho, fiquei pensando: se esse rapaz, dentre tantas outras coisas para se vender no trem (doces, salgadinhos, acessórios, brinquedos, etc.), escolheu vender esses livrinhos, é porque, como pude perceber, as pessoas costumam comprá-lo... Mas quem compra esses livrinhos? Por que compra? É claro que o preço colaborava, afinal, onde encontrar um guia aparentemente tão “eficaz”, como prometiam o vendedor e o texto da capa do livro, por apenas R\$ 1,00?

Esse fato, embora aparentemente banal, somando-se a diversas situações semelhantes, é revelador de um sentimento partilhado por boa parte das pessoas: a sensação de incapacidade diante da prática da escrita, mesmo entre aqueles que freqüentaram a escola por muitos anos, inclusive por aqueles que estão prestes a sair do ensino regular:

Todos nós temos dificuldades em saber se estamos escrevendo da forma correta.
(texto 105)

Embora não seja possível identificar com precisão quem são as pessoas que esse aluno inclui ao utilizar a expressão “todos nós” – talvez seus amigos, seus

colegas, as pessoas que ele conhece, ou “todos” mesmo... - fica evidente que nesse pronome “nós”, o aluno não apenas se inclui, mas sente-se seguro de generalizar a dificuldade que há em torno da escrita: “todos nós temos dificuldades”.

E, como veremos nos demais textos, esse aluno, realmente, não está “sozinho”, outros colegas partilham dessa mesma opinião. “Escrever bem é difícil” é uma voz social que, de forma direta ou indireta, está relacionada a outras vozes sociais, que entendemos ser decorrentes dela:

Escrever é fácil, difícil é escrever bem e para que a boa escrita se desenvolva é preciso estar antenado às notícias da atualidade e ter conhecimento de todas as disciplinas para não correr o risco de escrever sem nexos. (Texto 33)

O aluno inicia o parágrafo estabelecendo uma distinção entre “escrever” e “escrever bem”, caracterizando o ato de escrever como “fácil”, já a “escrever bem” atribui o adjetivo “difícil”, devido às condições que ele anuncia na seqüência: “é preciso estar antenado às notícias da atualidade e ter conhecimento de todas as disciplinas”. Embora associe “boa escrita” a “quantidade de informações” (notícias e conteúdo de todas as disciplinas), por um lado, é interessante que o aluno perceber que precisa “ter sobre o que escrever”, “ter o que dizer” por meio da escrita, o que outros colegas também reconhecem ser necessário:

Escrever bem primeiro é saber o que vai escrever, ter um assunto. (texto 104)

Escrever é uma tarefa meio difícil, pois não é só ortografia que se requer perfeição, o que mais conta é o conteúdo do texto que se vai escrever. (texto 42)

É ter bons argumentos e saber empregá-los bem, ter uma boa caligrafia, ser bem informado, lendo revistas, jornais, etc. Para que o seu texto contenha informações reais, ter domínio sobre assuntos variados. (texto 15)

Ter noção do assunto que está sendo escrito e convicção para poder passar credibilidade do texto (texto 103)

Por outro lado, isso pode revelar que as propostas de produção de texto durante a sua trajetória escolar foram “descoladas” da sua realidade, fazendo-o, desta forma, acreditar que o “seu assunto” não era adequado para uma “boa

escrita”. Isso pode ser sustentado por um outro trecho em que o autor afirma que “gosta de escrever” - único entre os 119 textos! - embora reconheça que não gosta da “escrita da escola”:

Apesar de eu adorar escrever, eu acho interessante escrever muito sobre a gente mesmo, eu gosto de fazer poesia, sobre minha vida, não gosto muito de redação, eu acho importante ler, também é ótimo para se fazer um bom texto eu não gosto de escrever sobre o assunto que mandam e sim sobre o assunto que mandam e sim sobre o que eu sei realmente. (texto 89)

Destaca-se neste texto a diferença estabelecida pelo aluno: ele adora escrever, mas não gosta muito de fazer redação. Se o aluno afirma gostar de escrever, por que diz que não gosta de fazer redação? No texto, o aluno faz uma distinção entre essas “duas escritas”: a de que ele gosta - “escrever sobre a gente” -, com a qual o aluno se identifica e a outra quando escreve sobre “um assunto que mandam”, algo que não tenha a ver com a vida do aluno, que ele não sabe, por isso não gosta. Creio que essa distinção apontada no texto pode nos trazer pistas sobre um possível encaminhamento de algumas aulas de língua portuguesa/ redação, afinal o próprio aluno reconhece “duas escritas”: “a da escola” e “a que é relacionada com a sua realidade”.

Essas “duas escritas”, portanto, podem ser reveladoras de certo artificialismo que norteia as aulas e as propostas de produção de texto, que ao invés de estimularem o aluno a se apropriarem dos mecanismos próprios da escrita, aumentam a distância entre ele e esta atividade escolar.

Talvez, este aluno (e outros...) tenha se deparado muitas vezes com propostas que o tenham feito reconhecer que ele não dispunha do “assunto” adequado para a escrita. Ele e outros colegas acreditam que para dar conta de atender às propostas solicitadas por seus professores seria necessário estar “sempre atualizado”, com “boas e muitas informações sobre algum assunto”:

Escrever bem não é apenas pegar um papel e uma caneta e fazer um texto com 15 linhas discutindo ou interpretando um assunto, e sim escrever bem é ter conhecimento da língua culta, estar ciente do que está escrevendo, tendo uma informação boa do assunto. (texto 3)

Escrever bem é estar atualizado com notícias, ter informações precisas ou abordagens significativas. (texto 18)

Para escrever bem não basta ter uma letra legível, tem que ter muito conhecimento, estar por dentro das notícias do mundo, para poder fazer um ótimo texto. (texto 24)

Escrever bem é ter informações e ter idéias para defender sua opinião, descrever os fatos de uma boa maneira, se expressando muito bem. (texto 92)

Uma pessoa bem informada consegue escrever com clareza e mais segurança. (texto 93)

Temos que estar ligado nas informações atualizadas e prestar atenção, estar antenado sempre. (texto 111)

Essa necessidade de quantidade de informações para uma boa escrita está bem próxima de uma outra voz social muito recorrente no material estudado: “quem lê muito, escreve bem”, como podemos ver nos trechos a seguir:

As pessoas que escrevem muito bem com certeza lêem vários livros, revistas, jornais, e estão por dentro das notícias do mundo. (texto 24)

Para uma boa escrita deve-se ler bastante para que tenha conhecimento do que vai escrever, pois se você tentar colocar informações que você não tenha conhecimento, vai acontecer que vai ficar sem sentido. (texto 56)

Entre outros textos em que os autores mencionaram a necessidade da leitura como fonte de informação e produção de bons textos, houve aqueles que a citaram como se ela fosse um meio do qual pudessem ser obtidas “informações reais” que enriquecem os textos:

Então escrever bem é saber o que está escrevendo e, mais, ter fatos reais para que a sua redação seja real com exemplos a citar, pois isso ajuda muito. (texto 1)

É ter bons argumentos e saber empregá-los bem, ter uma boa caligrafia, ser bem informado, lendo revistas, jornais, etc. Para que o seu texto contenha informações reais, ter domínio sobre assuntos variados. (texto 15)

O importante para se escrever bem é você se interagir com a escrita, é ter consciência do que está escrevendo, que não encha o texto de lingüiça, que não escreva bobagens. O importante nisso é que você deve ter conhecimento de que as informações contidas no texto são verdadeiras. (texto 40)

Desta maneira, parece-me que esses alunos (e talvez outros também) acreditam que por meio da mídia temos acesso a uma suposta “verdade” dos acontecimentos divulgados pelos jornalistas, como se houvesse informações “neutras”. Isso demonstra ilusão e desconhecimento não apenas dos interesses (econômicos e políticos) que regem os veículos de comunicação, como também outros elementos que certamente influenciam a redação dos textos: a subjetividade, a história, as opiniões e os interesses dos jornalistas.

Essa possibilidade de acesso a “fatos reais”, como mostra claramente o autor do texto 1, é algo que pode enriquecer o texto. É mais uma idéia que ajuda a distanciar ainda mais o aluno da escrita, pois para dar “ares de realidade” ao texto que produz - “para que sua redação seja real” -, o aluno acredita ser necessário citar informações que ele buscou na mídia, não o que ele observa ao seu redor, na leitura que ele faz do meio em que vive e dos acontecimentos em que ele e a sua comunidade estão envolvidos. A sua experiência, ao que parece, não é válida para o que ele entende ser um “bom texto”.

Isso me faz recordar duas situações. Uma delas se refere a algumas aulas da época em que era aluna de ensino médio e de cursinho pré-vestibular, quando as professoras repetiam incansavelmente que um bom texto – o que seria bem avaliado no vestibular - era aquele cujo autor citasse alguma reportagem, indicando, além do assunto abordado, o nome da revista ou do jornal, o título da matéria e data da publicação. Lembro-me que, especialmente no cursinho pré-vestibular, essa orientação me angustiava bastante, pois não acreditava que no dia da prova pudesse, entre tantas coisas, ter uma informação tão precisa de um assunto que nem imaginava que pudesse ser tema de uma redação.

A outra situação, relacionada a essa, aconteceu dois ou três anos depois, quando eu estava no início do curso de Letras. Fui fazer estágio em um “centro de aulas particulares”, cuja proprietária também era professora de português. Como eu ainda estava nos semestres iniciais do curso, ela achou necessário me dar uma “aula de dicas de redação” para que eu seguisse a mesma linha dela. Para minha surpresa, entre as recomendações estava a “citação de uma reportagem”, nos mesmos moldes que as minhas antigas professoras tentaram me encaixar.⁸

⁸ Gostaria de esclarecer que, para mim, estabelecer essas relações com o que ainda recordo da minha experiência como aluna do ensino regular e curso pré-vestibular ou outras situações inclusive as exteriores à escola, é um meio que pode auxiliar não apenas na análise dos textos deste trabalho,

Talvez o trecho a seguir, conseqüentemente, seja mais um eco dessa voz social que associa a noção de bom texto às informações dos meios de comunicação que podemos obter por meio da leitura:

Adquirimos uma boa escrita e conhecimentos para ela quando lemos muitos jornais de notícias do Brasil e do mundo, economia no país, ou até mesmo sobre cultura, esportes, artes, entre outras.
Lendo assuntos desse meio estaremos contribuindo muito para termos uma boa escrita. (texto 112)

Como será possível perceber durante essa análise, esse discurso da relação entre leitura e bom desempenho na escrita é um conjunto de várias vozes sociais. Nesse trecho, por exemplo, podemos identificar, talvez, a voz social que dê origem às demais: a que estabelece uma relação quase que imediata entre muita leitura e bom desempenho na escrita. Note que nesse trecho do texto 112, o autor utiliza a forma verbal “adquirimos”, que deixa mais evidente esse caráter quase automático entre essas duas atividades com a linguagem:

Na minha opinião, para se escrever bem é preciso saber ler muito bem, pois a leitura nos ajuda a desenvolver muitas coisas (Texto 88)

Para escrevermos bem, temos que ler muito, pois só assim aprenderemos a fazer um bom texto, com coerência e coesão. (texto 90)

Também ajuda escrever bem, ter o hábito de se ler, porque quanto mais se lê mais vai se escrever e falar corretamente. (texto 103)

Escrever bem é fazer muitas leituras para que se possa saber desenvolver um bom texto, se não ler muito difícil vai ser... (texto 116)

Em minha monografia de conclusão do curso de graduação, ao analisar a reportagem “O jovem tem a palavra”, na publicada na revista Época, em 14 de junho de 1999, foi possível também identificar essa voz social. Nas duas primeiras páginas da reportagem, havia uma montagem com a imagem de estudantes que obtiveram bons resultados na prova de redação de alguns vestibulares, sob essa imagem, a

legenda esclarecia: “**GOSTO PELA LEITURA:** Graças ao hábito de leitura, os calouros gaúchos Tomaz, Melina e Susana fizeram boas redações no vestibular” (p. 81). Essa voz não foi identificada apenas no texto dos jornalistas da revista, mas também nas opiniões de professores que foram entrevistados, como por exemplo: “Outro conselho a todos é lembrado pelo vice-diretor da Fuvest, José Atílio Vanin: ler é condição essencial para escrever bem” (p. 84).

Para alguns, o que também ficou claro no material aqui estudado, ler muito não suficiente, é necessário ter uma “boa leitura”:

Escrever é ter uma boa caligrafia, é ter uma boa opinião, com começo, meio e fim, para que a pessoa escrever bem tem que ter uma boa leitura, tem que estar por dentro dos acontecimentos. (texto 86)

Entre as outras idéias mencionadas nesse trecho, que serão analisadas posteriormente, uma pergunta pode nos vir à mente: o que seria então essa “boa leitura”? Além da menção à leitura de jornais e revistas, à intensidade de leitura, houve aqueles que mencionaram livros e livros de literatura como uma referência para produção de bons textos.

Uma boa escrita é desenvolvida de acordo com o que cada pessoa faz no decorrer do seu dia, depende se tem o hábito de ler livros, ficar bem atualizado com as notícias e outros hábitos fundamentais para se obter um bom vocabulário (texto 107)

Escrever bem é estar por dentro dos assuntos recentes, ler bastante livro de literatura e notícia. (texto 59)

Escrever bem é saber elaborar um bom texto, como os escritores, é saber colocar as palavras certas nas frases certas, ter boa pontuação, ter um bom desenvolvimento em seu texto. (texto 82)

Em um trecho da reportagem da revista *Época*, mencionada anteriormente, a escritora Lygia Fagundes Telles apresenta uma “dica” para produção de bons textos bastante próxima da opinião desses textos dos alunos:

O único caminho é ler, ler, ler. Ler os clássicos, perceber por que Machado de Assis é vivo até hoje. Essa é a única salvação para a formação de um jovem. Sabendo interpretar o que lê, o estudante saberá organizar suas idéias e produzir um bom texto. O resto é conversa, falsa teoria (p. 83).

Um exemplo interessante dessa voz, podemos perceber no texto a seguir, em que o aluno, após esboçar uma definição do que ele entende por “escrever bem”, acrescenta como exemplo de “bom escritor”, o autor Machado de Assis:

Escrever bem é saber se expressar, colocar as suas idéias de forma coerente no papel.

É escrever algo para alguém que possa despertar curiosidade, vontade de ler.

Eu poderia citar vários autores que, na minha opinião, escrevem bem, mas o principal deles é o Machado de Assis, um autor incrível e que tem consciência e coerência no que escreve.

Escrever é arte, e como tal deve ser bem feita. (texto 10)

Creio que cabem aqui alguns questionamentos acerca do que o autor apresenta no texto 10. O aluno escreve que “poderia citar vários autores” que para ele são exemplos de pessoas que escrevem bem, então ele cita o autor clássico da literatura brasileira Machado de Assis. Por que citar como exemplo um autor da literatura clássica e não um contemporâneo, ou ainda um jornalista? É possível pensar que isso ocorre pois ainda a escola prefira centralizar suas atividades na leitura e enumeração das características das obras clássicas da literatura, deixando de lado os autores da literatura contemporânea e os textos jornalísticos.

Não quero dizer que Machado de Assis não seja digno de ser citado como uma pessoa que tenha bons textos, o que questiono é o que pode ser decorrente dessa associação, pois essa valorização dos textos da literatura, que têm uma linguagem muito diferente dos textos contemporâneos e de nossa língua de hoje pode contribuir para que o aluno se veja em uma posição de distância do que seria uma boa escrita.

A leitura de autores da literatura é, de fato, importante para nossa formação, mas não podemos entendê-la como a única que pode trazer contribuições. Ao considerá-la como “a única salvação para a formação de um jovem”, a escritora revela uma concepção bastante limitada de leitura e educação, de maneira mais geral... Por traz dessa recomendação, há um discurso que permeia o senso comum e, de acordo com os resultados das atividades desenvolvidas nos projetos *O discurso sobre a leitura e o leitor na mídia escrita no período de 1970 a 2000* e *O discurso sobre a leitura, o leitor e o livro na revista Época, Isto é e Veja, no período de 2000 a 2005*, dos quais pude participar como bolsista de iniciação científica também está presente nesses veículos de comunicação. Em síntese, trata-se de um

discurso em que o ato de ler é compreendido como uma atividade mecânica e quantitativa, na qual é considerado leitor, predominantemente, aquele que desenvolveu e tem o hábito de ler livros, e não qualquer livro, mas sim o livro literário e clássico.⁹

Para ilustrar esse discurso, gostaria de traçar um paralelo entre a fala da escritora Lygia Fagundes Teles, o que disse o autor do texto 10 e a reportagem da revista Época “Os romances que ninguém deve morrer sem ler”, de Joana Monteleone e Cleber Eduardo (CULTURA, 19/03/2001). Nesta reportagem, a pedido da revista Massaud Moisés, Walnice Nogueira Galvão, Benedito Nunes e João Adolfo Hansen e Harold Bloom elaboraram listas dos principais romances escritos nos séculos XIX e XX. Após cruzamento das listas, a revista chegou a “19 romances obrigatórios, que segundo especialistas em literatura, ninguém deve morrer sem ter lido tais obras” (p. 98). As obras são as seguintes:

- O vermelho e o negro – Stendhal
- Guerra e paz – Leon Tolstói
- Ulisses – James Joice
- Em busca do tempo perdido – Marcel Proust
- Crime e castigo – Dostoievski
- Madame Bovary – Gustave Flaubert
- A montanha mágica – Thomas Mann
- Grande Sertão Veredas – Guimarães Rosa
- O processo – Franz Kafka
- Moby Dick – Herman Melville
- O homem sem qualidades – Robert Musil
- Eugênia Grandet – Honoré de Balzac
- O primo Basílio – Eça de Queirós
- Dom Casmurro – Machado de Assis
- David Copperfield – Charles Dickens
- Os miseráveis – Victor Hugo
- Ao farol – Virgia Woolf
- Grandes esperanças – Charles Dickens
- Memórias póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis

⁹ As atividades desses projetos foram desenvolvidas por um grupo de estudantes do curso de Letras da UFPR, vinculado ao Programa de Iniciação Científica da instituição, sob a coordenação do Prof. Dr. Gilberto de Castro. O primeiro projeto foi realizado no período de 2004 a 2005, cujas fontes foram os jornais Folha de São Paulo e Gazeta do Povo e a Revista Veja. Já o segundo projeto, foi desenvolvido durante os anos de 2005 e 2006.

Entre “os romances que ninguém deve morrer sem ler”, como é possível perceber, aparecem duas obras clássicas do escritor Machado de Assis: Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas, o que demonstra que esse é um discurso que também circula pela mídia e não apenas no ambiente escolar.

O bom texto, portanto, está relacionado a idéia de arte. Assim, a escrita não é vista como uma atividade social ou um recurso do qual a pessoa possa fazer uso de seus direitos como cidadão, ao contrário, é muito restrita, é para alguns, apenas para pessoas inspiradas e não cidadãos comuns:

Escrever bem não é só ter letras bonitas, frases poéticas, não é fazer letras redondinhas, mas escrever bem é saber se expressar, saber contar uma história sem fim, escrever é uma arte e toda arte é linda e maravilhosa.

Escrever bem é tocar o coração das pessoas, despertar sentimentos ocultos. Saber escrever bem é simplesmente escrever bem. (texto 14)

Dessa forma, alguns alunos (não apenas eles!) acreditam que a prática da boa escrita seja privilégio de um grupo muito seleto da sociedade, pessoas que “misteriosamente” possuem o “dom de escrever bem”.

para se escrever é preciso mais do que apenas inspiração, são necessários verdadeiros dons para a arte, porque escrever é lapidar a palavra, montar o vocabulário, pintar a linguagem. (texto 29)

Voltando à questão mais geral sobre a relação entre leitura e bom texto presente no material estudado, embora seja por meio da leitura de diferentes tipos de textos que nos colocamos em contato com as diferentes características dos mais diversos gêneros textuais e podemos apreendê-las, vários alunos apontam a leitura como parâmetro de escrita, mas enfatizando-a com um meio de referência para produção de textos “sem erros”, com as palavras “certas”. No trecho do texto 63, inclusive, a referência é ainda “um conhecimento literário” :

Para se escrever um texto e escrever bem correto, de acordo com as normas, é preciso um conhecimento literário, formas de linguagem e ortografia.

Muitas pessoas escrevem como querem, às vezes não obedecendo às normas, mas mesmo assim são considerados gênios da literatura, pois, retratando uma forma diferente e ousada da escrita, estes também é que são os famosos e conhecidos escritores brasileiros, poetas e prosadores. (texto 53)

Bom, antes de você escrever bem, você precisa ter uma boa leitura, pois a leitura é muito essencial para uma pessoa, pois para a escrita e para ter uma boa linguagem nos textos é bom fazer a leitura. (texto 12)

Leitura, esta é a principal receita para se ter uma boa escrita, pois através dela é que se adquire conhecimento e facilidade para se escrever certo, saber colocar corretamente as pontuações. (texto 33)

Ler é importante para que possamos escrever com menos erros (Texto 89)

Para se escrever bem é necessário ler muito, para saber argumentar sobre o assunto que vai se escrever, é preciso conhecer muito bem a língua portuguesa, assim conseguir passar a idéia que se pretende. (texto 48)

A menção aos aspectos da norma padrão foi bastante recorrente nos textos dos alunos, que demonstraram que essa é uma preocupação de muitos, pois sabem que, como já dissemos, serão cobrados quanto ao domínio dessa norma em ambientes extra-escolares. Vale ressaltar que, ao apresentar os trechos em que é possível perceber esse discurso normativista, minha intenção não é desconsiderar a importância em conhecer as regras que regem a escrita da língua portuguesa e fazer o uso adequado delas, mas sim, a partir deles estimular algumas reflexões acerca das idéias de língua, de gramática, de norma padrão que ainda podem estar presentes em muitas escolas e pensar de que maneira isso te influenciado a produção escrita desses alunos.

Acho interessante começar pelo texto 2, pois nele o autor evidencia claramente a sua relação com a língua portuguesa:

Falando no português correto, é a maneira de empregar pontuações, ortografia, idéia, etc. sabendo colocá-los no papel para expressar o que quiser no momento e qualquer outra pessoa ao ler entenda o que o escritor quis passar no papel. Agora falando particularmente, escrever bem para mim é não escrever, pois a língua portuguesa em si é muito complicada, e muitas vezes nos embolamos. Mesmo não gostando de escrever sei que ela é importante, pois às vezes uma vírgula ou uma letra errada muda totalmente a frase que escrevemos, então sei que é essencial ter uma boa escrita. (Texto 2)

Convidado a escrever sobre o que entende por “bom texto” - na escola e na aula de língua portuguesa - analisa a questão por “dois lados”: “Falando no

português correto” e “falando particularmente”, embora as preocupações nos dois âmbitos sejam referentes, predominantemente, a aspectos formais de um texto escrito. Ao expressar o lado “particular”, admite certa dificuldade em relação à escrita, pois a “língua portuguesa em si é muito complicada, e muitas vezes nos embolamos.”

Mesmo em uma posição de “distanciamento”, faz, em seguida, como que uma justificativa: “mesmo não gostando de escrever sei que ela é importante”. Não fica difícil perceber no texto que o pronome “ela”, empregado pelo aluno, retoma a “língua portuguesa”, ou seja, o aluno, colocando-se em uma posição de distanciamento, reconhece importância da língua portuguesa. No entanto, pelo próprio contexto dessa frase, a impressão é que o aluno entende “língua portuguesa” como “sinônimo” de “gramática”, pois na seqüência ele faz referência a regras de pontuação e de ortografia: “pois às vezes uma vírgula ou uma letra errada muda totalmente a frase que escrevemos”.

É importante comentar que essa noção de língua como sinônimo de norma gramatical que o aluno expõe em seu texto não é algo raro, ao contrário, faz parte do senso comum, de maneira geral, como nos mostra Castro (2004)¹⁰ ao analisar enunciados sobre normativismo de escritores e gramáticos e que foram divulgados pela mídia. A análise de algumas falas de escritores e gramáticos, em algumas reportagens, leva Castro (2004) a afirmar que: “(...) o que observei é que muitas vezes a língua – mais precisamente a sua norma gramatical – é entendida como algo maior do que realmente é, como se ela fosse uma metonímia da linguagem, a parte se passando pelo todo. Assim, questões mais amplas da ordem da comunicação social, da interação, são compreendidas e interpretadas sob a luz do holofote gramatical. Parece-me ser o mesmo discurso que o aluno expressa em sua redação, pois ele chega a afirmar que “a língua portuguesa em si é muito complicada”. Nessa afirmação, certamente, o aluno não se refere à língua como algo que o constitui como sujeito, pela qual ele interage com outras pessoas e com a realidade a sua volta, mas fica evidente que se refere às regras gramaticais que lhes podem ter sido passadas fora de contexto de uso e que geraram essa idéia de que “a língua é complicada”.

É importante salientar que o autor relaciona toda essa preocupação com os aspectos formais de produção textual ao caráter de interlocução do texto para

¹⁰ CASTRO, G. **O discurso sobre a língua e a lingüística na boca de brasileiros ilustres**. UFMG, 2004.

“qualquer outra pessoa ao ler entenda o que o escritor quis passar no papel”, mesmo que o conteúdo do texto deixe transparecer ao interlocutor que o aluno tenha em mente com esse texto seja a professora de língua portuguesa que solicitou esse texto, considero um aspecto importante.

Ainda assim, o que vemos em outros textos, predominantemente, é a preocupação com aspectos formais de uma língua “correta”, “certa” - regras de pontuação, de acentuação, de ortografia, de concordância verbal, de sintaxe, etc.

Podemos dizer, que escrever bem pode ser de ter uma boa colocação das palavras, conjugações e verbos colocados corretamente, acentuação certa, colocação dos pontos nos lugares certos. (texto 38)

Sabendo corretamente a gramática, é fundamental após isso devemos saber como encaixar as palavras corretamente e saber conjugar os verbos. Sabendo todo esse básico, vem a parte que demora a criatividade, para vir as palavras, frases até chegar ao texto. No mínimo este é o básico, do básico para saber escrever bem, e começar a criar um bom texto. (texto 55)

Escrever bem é escrever com a pontuação correta, com a letra legível colocar a pontuação correta. (texto 57)

Escrever um texto correto, sem erro com pontuação, acentos e vírgulas ter um vocabulário extenso e diverso. (texto 103)

Escrever bem é primeiramente ter um português correto (texto 113)

Para poder escrever bem, temos que estudar o português certo. (texto 111)

Em decorrência disso, o que temos é a associação de língua, e conseqüentemente também de escrita, a noção de uma estrutura rígida, com pouca ou nenhuma possibilidade de variação:

Não pode fazer textos quebrando as regras da língua portuguesa. (texto 6)

Na nossa comunicação, procuramos nos adequar as diferentes circunstâncias que nos rodeiam. Sabemos que isso ocorre de maneira mais livre na oralidade, pois não há um controle “concreto” sobre as maneiras como conduzimos as nossas conversas cotidianas. Isso não significa, porém que na escrita não há variação, ela

permite sim variedades, mas de modo mais restrito: pois ao escrever pensamos em um interlocutor (que não está diante de nós), seguimos as características de cada gênero textual correspondente e tentamos seguir as normas da língua padrão. Não é isso que percebemos no texto 6, pois ao utilizar a forma verbal “quebrando”, fica a imagem realmente de “regras” que são “fixas”, imutáveis:

O normativismo divide maniqueisticamente os fatos de língua em certos e errados; identifica a língua com aquilo que se tem como certo; cristaliza esse conjunto e busca sujeitar os falantes a ele. O normativismo concebe portanto, a língua como uma instituição pétrea: pronta, fixa, externa aos falantes e à qual eles devem se submeter. (FARACO, 1997, p. 49)

Esta “instituição pétrea” é a língua que encontramos prescrita nas gramáticas tradicionais. Assim, todas as variedades lingüísticas que não foram prescritas por esses gramáticos são entendidas como “desvio” ou “erro” e dão margem a comentários como: “a língua é muito complicada”, “não podemos quebrar as regras da língua portuguesa”, etc. A visão normativista da língua reduz toda a complexidade da linguagem à assimilação de regras que representam um verdadeiro abismo entre a língua falada pelo aluno e a que ele precisa utilizar na escola. Ao centrar as aulas de português em exposições e descrições de regras, a língua passa a ser entendida como exterior aos indivíduos, por isso, passa ser algo tão complicado, nesse sentido, o autor do texto 115 recomenda:

Escrever bem não é só pegar um papel e uma caneta e começar a produzir, é mais que isso, necessita pensar no que irá colocar no papel, para que não faça qualquer coisa. É usar ponto onde deve, de maneira adequada.

A gramática, diversas normas, se possível compre um livro de normas gramaticais, irá te ajudar bastante na hora de fazer um texto. Leia bastante, ler é essencial na hora de produzir textos. Se errar tente melhorar porque a palavra que errou, procure um dicionário para arrumar. (texto 115)

Além desses trechos em que os alunos apresentaram esses aspectos relacionados à norma, houve aqueles que, associaram a essas características de um bom texto, a necessidade de apresentarem uma “letra legível”, “boa caligrafia” ou ainda “letra bonita”:

Escrever bem, para mim, depende de muitos fatores, como uma letra legível, sem erros ortográficos, acima de tudo, texto dentro das regras da gramática, e regras de pontuação. (texto 52)

Escrever bem é saber expressar, saber passar a sua informação; não errar na ortografia, saber as regras de acentuação e principalmente ter uma letra legível. (texto 56)

Escrever bem é ter uma boa caligrafia, colocar acentos onde que ter, saber colocar as palavras em seus devidos lugares sem erro de gramática. (texto 62)

Escrever bem é saber usar as palavras, pontuação, parágrafos, etc. e também tem que ter uma letra legível. (texto 77)

É ter uma letra legível, bem acentuada, sem erros de gramática, mas infelizmente isso ainda não é possível, o português é complicado e nem sempre escrevemos corretamente. (texto 78)

Escrever bem é quando a pessoa quase não tem erros de português e tem um bom desenvolvimento para que as pessoas que irão ler entendam o que está escrito e também precisa de letra bonita. (texto 83)

Por um lado, esses trechos me fazem pensar um pouco nas redações e exercícios que corrijo de alguns de meus alunos, cujas letras são quase indecifráveis e nas minhas constantes queixas e pedidos para que tenham mais capricho a fim de que eu possa entender, com mais facilidade, o que eles escrevem, não é difícil de imaginar que esses alunos também devem ter ouvido a mesma “lamentação” de seus professores. Por outro lado, também me recordo de questionamento de alunos, principalmente vestibulandos, referente à forma de apresentação da letra nas provas de redação, chegando inclusive a achar que a opção por um determinado tipo de letra seja suficiente para reprovar um aluno nessas provas. Esse relato pode até parecer um exagero, mas é um discurso que ainda ecoa por aí:

Escrever bem é ter uma boa letra que todos entendam, sem ter erros de ortografia. Para ter uma boa letra precisamos praticar a escrita. (texto 2)

É saber se expressar através de palavras, mas para isso é necessário também uma letra legível, dominar a língua portuguesa de maneira correta e principalmente compreender e interpretar o que se escrever, conseguir expressar o que quiser através da escrita e de forma coerente e correta. (texto 8)

Primeiramente devemos escrever com letra legível, devemos saber como colocar os pontos e vírgulas para que possamos entender realmente o que é um texto. (texto 13)

É ter bons argumentos e saber empregá-los bem, ter uma boa caligrafia, ser bem informado, lendo revistas, jornais, etc. (texto 15)

Entendo que os trechos a seguir deixam claro que esse discurso da “boa caligrafia” e “boa letra” associados ao “bom texto” está ainda presente nas escolas, pois neles os autores se contrapõem a essa idéia, afirmando que a “boa letra” não é o que mais conta em uma produção de texto:

Para escrever bem não basta você ter uma boa letra, basta você saber o que está escrevendo e muitas pessoas não têm uma boa letra, mas escrevem muitos textos bons e muitas pessoas são o contrário, têm uma boa letra, mas não conseguem interpretar o que estão escrevendo. (Texto 28)

Escrever bem não se trata apenas de uma bela escrita, mas sim saber o que você irá escrever. (texto 31)

Para dizer que alguém escreve bem, ele ou ela deve ter uma letra boa, desenvolver bem o assunto tratado no texto, dominar a gramática. (texto 34)

Para escrever bem não depende apenas de uma letra legível, palavras difíceis ou até mesmo de um texto longo.

É apenas utilizar bem as palavras, sem muita volta, você transmitir ao leitor o que você deseja para que o texto não se torne longo e cansativo aos olhos do leitor, e acima de tudo saber desenvolver o texto em cima de um tema sem desviar do ponto de raciocínio. (texto 37)

Escrever bem não é apenas ter uma letra bonita, mas também ter idéias, conteúdos, criatividade, bom desempenho e também ter fundamentos no que vai apresentar no texto ou em uma redação. (texto 38)

Escrever bem, não é apenas ter uma letra legível ou o texto estar em concordância, mas sim passar em uma folha o que se quer transmitir sem ser com a fala. (texto 39)

Escrever bem não é apenas ter uma letra bonita, é sim ser claro na escrita, claro que ter uma letra legível, por exemplo para fazer um texto bom você tem que ter um desenrolar bom, um bom começo, um bom meio e o óbvio, um final de texto, sem inventar demais, sem fugir do tema proposto, porque se fugir do tema o texto fica sem coerência e não pode ser entendido. (texto 46)

Para escrever bem a pessoa tem que se esforçar muito quando se é pequeno, treinando em um caderno de caligrafia. (texto 65)

Escrever bem é ter uma letra legível e fazer com que todos entendam o que você quer passar, o que você quer dizer. (texto 68)

Ter uma boa letra, não fazer um texto que não tenha nada a ver com o que está sendo pedido. (texto 73)

Outra voz social bastante presente no material estudado foi a que fez referência a organização do texto. Os alunos usaram recorrentemente as palavras “começo, meio e fim” para mostrar a estrutura ideal de um texto bem escrito.

Primeiramente escrever bem é escrever correto, legível, com um bom começo, meio e fim. Tem que ter um com desenrolar de texto, uma boa história. (texto 51)

Um texto tem que ter começo, meio e fim, com lógica nas palavras. (texto 62)

Uma boa redação ou texto deve conter começo, meio e fim. (texto 67)

Um texto bem escrito tem que ter começo, meio e fim. (texto 77)

Escrever é ter uma boa caligrafia, é ter uma boa opinião, com começo, meio e fim, para que a pessoa escrever bem tem que ter uma boa leitura, tem que estar por dentro dos acontecimentos. (texto 86)

Escrever bem é saber fazer um texto com começo, meio e fim, é saber interpretar todas as palavras escritas. Escrever bem é saber contornar as letras escritas em um papel, mostrando é que algum sentido ela tem. (texto 99)

É você saber o que está escrevendo, fazendo com que seja um texto escrito com nitidez, e vocabulário correto. É tentar passar uma imagem quase perfeita para quem vai ler, fazendo com o que você está escrevendo tenha começo, meio e fim. (texto 102)

Um bom texto necessita de começo, meio e fim. (texto 115)

Isso pode nos remeter às aulas “tradicionais” de redação em que o texto nos era apresentado como um bloco, dividido rigidamente em três partes: começo, meio e fim. Inclusive, em algumas situações, até com indicação de número adequados de parágrafos para cada uma dessas partes: um parágrafo para introdução; dois ou três para o desenvolvimento e um parágrafo para conclusão do texto. É certo que é

preciso sim ter um cuidado para que o desenvolvimento do texto siga uma ordem lógica e coerente com o que está sendo apresentado. Mas não me parece que é a isso que esses alunos fazem alusão.

Diante de tantas exigências que são associadas à idéia de bom texto, os alunos reconhecem a escrita como um valor social, no sentido de que por meio dela podem ter melhores oportunidades, não apenas em situações escolares como também em empregos, trabalhos, etc., enfim, por meio dela entendem que podem ter acesso a melhores chances na sociedade: ingresso em uma faculdade e conquista de emprego, etc.

Uma pessoa que escreve bem não se dá bem apenas numa escola ou um cursinho, mas sim na área de trabalho. (texto 3)

Escrever bem é escrever com clareza com uma ortografia boa, uma letra legível para o acesso dos leitores, uma boa escrita é acesso para coisas melhores na vida, talvez até um escritor. (texto 50)

Nós devemos fazer um texto bom, o mercado de trabalho escolhe quem sabe fazer um texto ou uma leitura boa. Quem consegue isso tem um desenvolvimento melhor, como podemos dizer, é uma pessoa entendida. (texto 13)

escrever hoje em dia é uma das coisas mais importantes para que a pessoa possa entrar em uma faculdade, um trabalho, entre outras coisas. A escrita hoje em dia é utilizada em tudo. Uma pessoa expressando suas idéias, escrevendo relatórios em seu trabalho, ou escrevendo até mesmo por gostar. Enfim, escrever hoje em dia é indispensável. (texto 52)

Bom, ter uma boa escrita é fundamental para vários contextos, até para trabalhos. Já que muitos empregos exigem que a pessoa tenha uma letra boa que esteja no padrão do dia-a-dia.

Escrevendo bem, você pode ter várias oportunidades de vida, se dedicando a alguma profissão ou até sendo poeta ou autor. (texto 85)

É claro que saber escrever, por si só, não garante essas oportunidades mencionadas pelos autores desses textos, mas é interessante observar a leitura que eles fazem da realidade em que estão inseridos, percebendo a escrita como um meio de atingir “coisas melhores na vida”, inclusive considerando a possibilidade de serem “escritores”.

Como já foi possível perceber, nos diversos trechos já discutidos, alguns alunos apresentam em seus textos a preocupação em estabelecer uma relação com

o seu leitor, discorrendo sobre a importância de procurar ser claro, de se fazer entender por seu interlocutor. Percebemos aí então, uma noção de texto como um meio de interação com o leitor, pois, para os autores dos trechos que seguem, um bom texto é aquele em que o há interação entre quem escreve e quem lê.

Os alunos abordaram a relação entre escritor e leitor por diferentes perspectivas: reconhecendo que a escrita é uma forma de interação, um meio de sensibilizar o outro ou ainda proporcionar prazer para o leitor:

Escrever bem é expressar seus pontos de vista de maneira que o leitor possa entender com clareza o que está escrito. (texto 118)

Escrever bem é colocar suas idéias no papel de uma forma coerente, fácil de entender. Escrever bem é fazer um texto com conteúdo, que prenda o leitor até o final, um texto que não tenha repetição de palavras e ideais sem sentido. (texto 16)

É pegar um papel e escrever fazendo com que a outra pessoa possa entender o que escreveu. Pode ser um texto com mais de 40 linhas ou apenas duas, mas nas duas temos que deixar bem claro o que queremos dizer, isso para mim é escrever bem. (texto 21)

Escrever bem é passar ao leitor, ao público, o que você pensa sobre tal assunto, sua opinião, é fazer com que as pessoas que estejam lendo entendam o que você está passando. (texto 22)

Escrever bem é você fazer com que seu leitor goste do que está lendo, ou seja, fazer com que sinta prazer na leitura do seu texto. (texto 25)

O saber escrever bem é ter um texto que saiba expressar as idéias de seu escritor, é transmitir ao leitor as emoções e suas idéias reais, é ter coerência, é saber se expressar em palavras simples. (texto 35)

Concluindo escrever bem, é saber escrever ao ponto que o leitor entenda o que você queira transmitir. (texto 41)

Um bom texto leva o leitor a imaginação, a emoção ou a aventura que ele está lendo. Ao escrever temos o dever de elaborar uma coisa boa e interessante e bem escrita. (texto 42)

Em qualquer texto é necessário que o escritor consiga atingir o leitor de forma que este entenda a mensagem. (texto 74)

Talvez esteja implícita nesses trechos, a ilusão da “transparência da linguagem”, como se a relação de significação se limitasse em uma pessoa que emite uma mensagem e aquele que a recebe tal como foi transmitida. Entretanto, a comunicação humana é permeada de outras características que interferem nesse processo de significação. Quem escreve, é um sujeito que possui uma experiência social e histórica particular. Do mesmo modo, o leitor também é um sujeito com outra bagagem social e histórica. Sem falar também no contexto em que o texto está escrito, como ele chega até o leitor. Enfim, são diversos os elementos que constituem o processo de comunicação e o fazem uma atividade bastante complexa.

No trecho a seguir, embora também tenha sido utilizado o verbo “transmitir” que pode nos levar a entender que há uma “transmissão automática” de sentidos entre quem escreve e quem lê, o autor coloca um leitor mais ativo, pois é alguém que pode “questionar e refletir sobre e com o texto”.

Escrever bem é passar para quem lê o que se pensa, é transmitir suas idéias de forma que o leitor adquira conhecimento e possa opinar, questionar e refletir sobre e com o texto. (texto 29)

Da mesma forma, o autor do texto 30 mostra uma percepção bastante interessante da interação, da relação de construção de sentidos entre autor e o leitor, entendendo que a compreensão é uma resposta que o leitor dá ao texto:

Escrever bem é escrever para o leitor e não para si mesmos, pois o entendimento virá por parte dele. (texto 30)

Como mencionei no início desta análise, boa parte das vozes sociais identificadas nos textos destes alunos e que aqui foram discutidas são decorrentes do imaginário social que estabelece uma relação intrínseca entre a dificuldade e a escrita. Acredito que isso tenha ficado especialmente claro nos trechos que o aluno coloca-se em uma relação de distanciamento entre o que ele percebe e entende por boa escrita e a que ele consegue praticar. Aliás, me chama atenção nesses textos que a própria prática da escrita quase não apareça como uma possibilidade de se conseguir um bom texto. Assim, há espaço para mitos como “dom”, “inspiração”, “transmissão da boa leitura para o bom texto”, idéias que mitificam essa atividade que deveria ser entendida como uma prática social.

3. O QUE AINDA NÃO FOI DITO

Espero que ao apresentar e discutir parte do resultado da produção escrita desses alunos sobre o que eles entendem por escrever bem tenha deixado claro ao leitor que eles têm muito a dizer. Claro, não como lingüistas que produzem ciência da linguagem. Mas como sujeitos constituídos pela linguagem, como leitores da realidade em que estão inseridos e pelas experiências que vivenciaram na escola, em aulas de língua portuguesa e também em outras, com colegas, amigos, professores e funcionários.

Têm muito a dizer. E disseram. Mostraram que percebem a língua escrita como um valor social, embora reconheçam que, mesmo após anos na escola e prestes a saírem dela, não tenham o desempenho que julgam ser necessário para terem um bom texto: talvez não tenham tanto acesso a informação para serem sempre “atualizados”, não gostem de literatura clássica, não entenderam as regras de gramáticas, têm dificuldade em manifestar-se por meio dela.

Então eu questiono quem hoje pode se considerar uma pessoa “atualizada” em meio ao bombardeio de informações em que vivemos? Todos são obrigados a gostar de literatura clássica? Quem não recorre a uma gramática para recordar alguma regra da qual não faz uso constantemente? Quem acha que escrever é uma tarefa tão fácil e não têm dificuldade em se expressar por escrito?

Volto, portanto, às primeiras palavras deste trabalho: “Talvez a minha dificuldade em colocar as primeiras palavras neste trabalho pode estar relacionada, em parte, com o assunto que aqui será discutido: a imagem que construímos da escrita.” Quero retomá-las para fazer uma correção, ou melhor, um acréscimo. A dificuldade pode ter sido grande sim para se colocar as primeiras palavras. Mas a de colocar as seguintes também não foi menor.

Ao escrever esse trabalho, acredito que o maior embate foi com a minha experiência, em diversos aspectos.

No âmbito da escrita pela auto-crítica em relação ao meu texto, apesar das constantes observações de meu orientador e de outros professores de que nele não havia grandes problemas. Será mesmo? E se não tem mesmo graves problemas o que houve na minha trajetória que tenham contribuído para isso?

Outro aspecto se refere aos autores dos textos analisados nesse trabalho. Embora o tempo de convivência tenha sido curto, ouvi-los em sala de aula, nos intervalos, nas leituras desses e outros textos constituíram-se em uma experiência que mexeu muito comigo por me ver em algumas situações tão perto deles e em outras tão distantes e ter tão pouco tempo para tentar mudar alguma coisa.

Essa percepção de “ter tão pouco tempo para tentar mudar alguma coisa” me colocou frente a um aspecto pessoal: minhas limitações, não só como professora, mas como estudante de pós graduação e como pessoa de maneira mais geral.

Como professora, pelas circunstâncias em que estava submetida quando assumi as aulas nesse colégio: era minha primeira experiência como professora na escola pública, da qual também fui aluna; as conversas desmotivadoras de meus colegas na sala dos professores e a tentativa de não me deixar contagiar por esses discursos; a burocracia de um sistema educacional que preocupa-se mais com preenchimentos de livros de anotações sobre alunos do que com os alunos em si, etc.

Como estudante de pós graduação, pelas limitações de tempo, na tentativa de conciliar as leituras, os trabalhos e as aulas com o trabalho. Talvez também por ao decorrer dos meses achar que pouco do que seria produzido ali podia ter alguma influência significativa nas escolas.

No âmbito pessoal, portanto, esses desafios me levaram a perceber que eu podia fazer muito pouco, diante do muito que precisava ser feito e isso me frustrou. Ao mesmo tempo que me frustrou, ajudou-me a olhar para minha história, pensar na minha trajetória e perceber que foram nos embates com minhas limitações que eu consegui chegar até aqui.

Por isso que tentei trazer para esse texto um pouco da minha experiência. Acho por meio dela é que posso dizer algo. E é com ela que eu acredito que posso trazer uma pequena contribuição hoje e me esforçar para enriquecê-las a fim de dar novas contribuições.

4. OS TEXTOS NA ÍNTEGRA

Texto 1

Idéias centrais: Conhecimento, informação

Em nossas vidas existem momentos para tudo como: brincar, mas também para aprender e adquirir muitos conhecimentos e com isso nós começamos a gerar a nossa própria opinião.

E para escrever bem não é preciso ter “dom”, mas sim conhecimento, pois adquirindo conhecimento você tem como abordar vários temas, ou seja, você consegue falar de tudo um pouco.

Então escrever bem é saber o que está escrevendo e, mais, ter fatos reais para que a sua redação seja real com exemplos a citar, pois isso ajuda muito.

Texto 2

Idéias centrais: boa letra; sem erros de ortografia

Escrever bem é ter uma boa letra que todos entendam, sem ter erros de ortografia. Para ter uma boa letra precisamos praticar a escrita.

Não adianta ter uma letra bonita e as pessoas não entenderem, como letra de médico que às vezes a gente não entende nada.

Texto 3

Idéias centrais: língua culta, informação, sucesso/ oportunidades

Escrever bem não é apenas pegar um papel e uma caneta e fazer um texto com 15 linhas discutindo ou interpretando um assunto, e sim escrever bem é ter conhecimento da língua culta, estar ciente do que está escrevendo, tendo uma informação boa do assunto.

Uma pessoa que escreve bem não se dá bem apenas numa escola ou um cursinho, mas sim na área de trabalho.

Texto 4

Idéias centrais: língua portuguesa correta, letra legível

Eu acho que escrever bem é expressar a língua portuguesa corretamente, e acima de tudo ter uma letra legível para que a pessoa que irá ler entenda.

Para muitas pessoas escrever bem é enfeitar as letras, mas eu acho que não deveria ser assim, pois fica mais bonito mais não é válido na língua portuguesa, o que é válido é letra legível e a forma como se escreve.

Bom, o importante é saber escrever de uma forma que todos entendam, a minha letra é feia, mas dá pra entender.

Texto 5

Idéias centrais: cidadania

Nas etapas de nossa vida, temos momento pra tudo: para brincar, bagunçar, errar e aprender, por exemplo, a escrever, pois isso nos dá o poder de sermos realmente um cidadão.

Mas para que isso ocorra temos vários degraus para subir, começa-se pelas atividades em sala, escrevendo o seu nome, mesmo que a letra seja feia você vai sempre se aprimorando.

Enfim, pra que tudo isso aconteça devemos ficar atento no que o mestre, ou seja, o professor nos fala, pois ele é que inicia a nossa vida perante a sociedade.

<p>Texto 6 Idéias centrais: interagir, regras da língua portuguesa</p> <p>Em muitos casos, escrever bem é simplesmente um modo de interagir e interpretar um pensamento ou uma “marca” histórica, com a atenção e pontuação correta e com o conhecimento de outros textos. Não pode fazer textos quebrando as regras da língua portuguesa.</p>
<p>Texto 7 Idéias centrais: valor da redação (nota), escrita correta</p> <p>Hoje apresentamos uma idéia do que é escrever, até estudar melhor. Quando nós estamos escrevendo, nós estamos lendo ao mesmo tempo, a escrita para todos é importante, até os velhinhos que não sabiam escrever hoje sabem, escrevem <u>muito bem</u>. Na maioria das vezes a escrita vale muito, numa redação você pode escrever bem e passar, tirar uma nota boa só na redação, porque a letra, a escrita é correta, isso ocorre muitas vezes. No Enem mesmo a redação é o principal objetivo da prova e se não escrever bem nós não conseguimos uma boa nota. Nós sempre queremos aprender mais e mais, e escrever cada vez melhor.</p>
<p>Texto 8 Idéias centrais: saber se expressar, letra legível, dominar a língua portuguesa, ser coerente</p> <p>É saber se expressar através de palavras, mas para isso é necessário também uma letra legível, dominar a língua portuguesa de maneira correta e principalmente compreender e interpretar o que se escrever, conseguir expressar o que quiser através da escrita e de forma coerente e correta.</p>
<p>Texto 9 Idéias centrais: arte, interação com o leitor</p> <p>A arte da escrita é muito antiga, vem de gerações em gerações, a cada ano que passa a escrita vai se desenvolvendo. A Academia Brasileira de Letras do Brasil vem fazendo reformas ortográficas confusas ou até malucas para melhorar o cotidiano das pessoas. Escrever bem hoje em dia não é apenas colocar ponto, vírgulas ou acentos, é fazer com que o leitor entenda o que está se passando naquele papel, tanto faz sendo um texto informativo como um jornal, ou um texto de cultura como um gibi.</p>
<p>Texto 10 Idéias centrais: saber se expressar, interagir, <i>cita como exemplo Machado de Assis</i>, arte</p> <p>Escrever bem é saber se expressar, colocar as suas idéias de forma coerente no papel. É escrever algo para alguém que possa despertar curiosidade, vontade de ler. <i>Eu poderia citar vários autores que na minha opinião escrevem bem, mas o principal deles é o Machado de Assis, um autor incrível e que tem consciência e coerência no que escreve.</i> Escrever é arte, e como tal deve ser bem feita.</p>
<p>Texto 11 Idéias centrais: lembrar o passado</p>

Escrever bem para mim é lembrar o passado, voltar atrás no tempo e recordar os momentos bons da vida que vivemos.

Lembrar do tempo que éramos crianças, das brincadeiras, a escola, quando aprendemos a ler e escrevemos pela primeira vez, recordar também do tempo do primeiro amor.

Por isso sempre escrevo o que lembra meu passado, claro, algo bom que trouxe felicidade.

Texto 12

Idéias centrais: boa leitura (ler jornais e revistas para não errar)

Bom, antes de você escrever bem, você precisa ter uma boa leitura, pois a leitura é muito essencial para uma pessoa, pois para a escrita e para ter uma boa linguagem nos textos é bom fazer a leitura. Nos jornais e revistas, antes de as notícias serem publicadas elas são revisados para não acabar saindo com nenhum erro de escrita.

Texto 13

Idéias centrais: primeiramente letra legível; pontuação, expressar o que sentimos; sucesso no mercado de trabalho

Primeiramente devemos escrever com letra legível, devemos saber como colocar os pontos e vírgulas para que possamos entender realmente o que é um texto.

Devemos expressar tudo o que sentimos num texto, para que as pessoas possam entender o que tentamos passar.

Nós devemos fazer um texto bom, o mercado de trabalho escolhe quem sabe fazer um texto ou uma leitura boa. Quem consegue isso tem um desenvolvimento melhor, como podemos dizer, é uma pessoa entendida.

Texto 14

Idéias centrais: saber se expressar, arte, sensibilizar o leitor

Escrever bem não é só ter letras bonitas, frases poéticas, não é fazer letras redondinhas, mas escrever bem é saber se expressar, saber contar uma história sem fim, escrever é uma arte e toda arte é linda e maravilhosa.

Escrever bem é tocar o coração das pessoas, despertar sentimentos ocultos. Saber escrever bem é simplesmente escrever bem.

Texto 15

Idéias centrais: informação, boa caligrafia

É ter bons argumentos e saber empregá-los bem, ter uma boa caligrafia, ser bem informado, lendo revistas, jornais, etc. Para que o seu texto contenha informações reais, ter domínio sobre assuntos variados.

Texto 16

Idéias centrais: clareza, prender o leitor, sem repetição

Escrever bem é colocar suas idéias no papel de uma forma coerente, fácil de entender. Escrever bem é fazer um texto com conteúdo, que prenda o leitor até o final, um texto que não tenha repetição de palavras e ideais sem sentido.

Texto 17

Idéias centrais: demonstrar o que sentimos

Escrever bem é demonstrar o que sentimos em nossa vida, relembrar momentos

felizes que na verdade estão guardados na lembrança, demonstrar momentos tristes de angústias as quais deixaram o coração ferido e nem mesmo o tempo para cicatrizar. É mostrar que tudo isso tem solução e que tudo foram provas para torná-lo melhor e mais forte.

Enfim, mostrar tudo o que há de bom na vida, no mundo, fixando um só caminho, o lado do bem, do amor e que tudo no mundo pode ser melhor se um ajudar o outro colocando-se em seu lugar.

Texto 18

Idéias centrais: informação, escreve o que sente, *cotidiano*, saber se expressar

Escrever bem é estar atualizado com notícias, ter informações precisas ou abordagens significativas. Escrever com a alma, com o coração, mas sem erros de pontuação, *escrever também está no nosso cotidiano*, é saber o que falar e para quem, e também o que dizer sem ofender ninguém.

Escrever bem é mais nada do que escrever o que sabe, o que aprendeu e querer saber mais ainda. Escrever bem vem desde cedo, desde que tínhamos 8 ou 9 anos e escrevíamos em nossos diários o que sentíamos.

Escrever é alma do negócio como dizem, uma notícia, uma entrevista, uma história de amor, mas escrever e mais do que escrever bem, escrever e saber o que queremos dizer quando não conseguimos colocar para fora do nosso peito, que não conseguimos dizer e sim escrever. Para mim escrever bem é estar escrevendo agora sabendo que depois será apenas mais uma redação entre outras, mas com um diferencial.

Porque estou escrevendo o que estou sentindo dentro do peito, sem me preocupar com os erros de português, sabendo que eu sei que escrever para mim é nada mais do que escrever sobre a vida, sobre a vida de cada ser, a vida que existe e um dia irá acabar por completar esta redação.

Texto 19

Idéias centrais: arte, amarração do texto

Escrever é uma arte que poucos sabem disso, mas para escrever bem não basta ter uma letra maravilhosa se não ter um conjunto de idéias.

O fato é que a amarração de um texto é a coisa mais importante para escrever bem.

Texto 20

Idéias centrais: sentido e lógica, expressar o que sente

Escrever bem é saber expressar em palavras o que sente e o que quer colocar. É ser claro e sucinto em todo e qualquer assunto, sem voltar e nem delongas. Escrever bem não é simplesmente colocar as palavras, mas sim dar conteúdo a elas, e dar sentido e lógica ao texto a ser escrito.

Texto 21

Idéias centrais: arte, escrever o que está em nós, clareza para o leitor

A arte de saber escrever é saber por no papel o que está em nós. É pegar um papel e escrever fazendo com que a outra pessoa possa entender o que escreveu. Pode ser um texto com mais de 40 linhas ou apenas duas, mas nas duas temos que deixar bem claro o que queremos dizer, isso para mim é escrever bem.

Texto 22

Idéias centrais: interagir

Escrever bem é passar ao leitor ao público o que você pensa sobre tal assunto, sua opinião, é fazer com que as pessoas que estejam lendo entendam o que você está passando.

É importante não só escrever bem, mas também ler muito para conhecer as palavras,

ter um conhecimento mais amplo da nossa língua, para expressar nossas dúvidas, opiniões, sugestões e escrever adequadamente para adquirir a importância de seus textos.

Texto 23

Idéias centrais: arte, expressar o que sente, clareza para o leitor

Escrever é um ato glorioso que fez o ser humano ser ainda mais especial, justamente porque é uma forma de expressar os sentimentos que sentimos e estão presos dentro do coração, podendo revelar angústia, o amor, a alegria, a tristeza, o ódio e vários outros.

Quando a escrita foi descoberta sem dúvida foi um dos melhores dias do mundo, desde então o bem que a escrita fez ao homem continua fazendo até hoje, pois é uma forma de comunicação onde o homem encontrou liberdade de expressar suas opiniões.

Portanto, escrever bem é conseguir mostrar tudo que está dentro de nós e fazer com que os leitores possam entender bem o que está lendo e também se sentir o personagem do texto, podendo sentir o que o escritor está expressando na sua arte.

Texto 24

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, informação, leitura

Para escrever bem não basta ter uma letra legível, tem que ter muito conhecimento, estar por dentro das notícias do mundo, para poder fazer um ótimo texto.

As pessoas que escrevem muito bem com certeza lêem vários livros, revistas, jornais, e estão por dentro das notícias do mundo.

Todos que querem escrever bem primeiro comece a ler, assistir jornais, para ter mais conhecimento e assim seu texto irá ficar muito bom.

Texto 25

Idéias centrais: prazer para o leitor, leitura, prática de produção de texto

Escrever bem é você fazer com que seu leitor goste do que está lendo, ou seja, fazer com que sinta prazer na leitura do seu texto.

A idéia do texto talvez seja o mais importante, é claro que a estrutura do texto também é de grande importância.

Escrever bem é consequência de muita leitura e produção de texto.

Texto 26

Idéias centrais: letra legível, clareza para o leitor

Ter uma boa idéia para que o leitor possa ter uma boa estrutura de sua proposta, tendo uma letra legível e também passando para o leitor com que a sua interpretação seja “ótima” para seu conhecimento a sugerir, e conquistar seu conhecimento, ou seja, atualmente sugerir uma mensagem para que ele possa refletir, a forma da linguagem que ele consiga atualizar a sua objetividade.

Texto 27

Idéias centrais: agradar diferentes leitores, escreve o que gosta

Escrever bem é abordar assuntos de interesse para cada tipo de leitor, por isso há vários tipos de literaturas porque cada pessoa escreve de um jeito e escreve o que gosta, assim ele escreve bem, pois está se expressando da maneira que gosta.

Texto 28

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, clareza

Para escrever bem não basta você ter uma boa letra, basta você saber o que está

escrevendo e muitas pessoas não têm uma boa letra, mas escrevem muitos textos bons e muitas pessoas são o contrário, têm uma boa letra, mas não conseguem interpretar o que estão escrevendo.

Saber o que você está escrevendo é muito importante, porque um belo texto depende da sua interpretação, que pode ser fundamental na escola e principalmente na matéria de português.

Texto 29

Idéias centrais: interagir, clareza, arte – dom, expressar o que sente

Escrever bem é passar para quem lê o que se pensa, é transmitir suas idéias de forma que o leitor adquira conhecimento e possa opinar, questionar e refletir sobre e com o texto.

Ao se escrever, é preciso clareza no que se quer dizer e como vai colocá-lo no papel. Assim para se escrever é preciso mais do que apenas inspiração, são necessários verdadeiros dons para a arte, porque escrever é lapidar a palavra, montar o vocabulário, pintar a linguagem.

Escrever nada mais é do que transpor parte do amor e da alma para o texto. É dar vida ao conjunto de letras e palavras de forma que deixem de sê-lo e tornem-se verdadeiras jóias.

Texto 30

Idéias centrais: clareza para o leitor, interagir

É saber expressar o assunto de forma de fácil entendimento como um diálogo simples, que tanto pessoas cultas ou formais possam ser preenchidas e interagir escritor e leitor.

Escrever bem é escrever para o leitor e não para si mesmos pois o entendimento virá por parte dele.

Texto 31

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, clareza para o leitor, escrever corretamente

Escrever bem não se trata apenas de uma bela escrita, mas sim saber o que você irá escrever.

Saber se expressar corretamente, fazendo com que o leitor entenda o que você quis passar ou fazer com que ele pense desenvolvendo seu raciocínio.

Uma pessoa não tem que escrever bem na escola, ou em cursinho, para ter nota, mas escrever corretamente no modo culto e formal, adquirindo conhecimento e informação.

Saber escrever é estar bem com você mesmo, conhecimento em sua vida nunca é demais.

Texto 32

Idéias centrais: clareza para o leitor, conhecimento da norma padrão

Escrever bem consiste em saber expressar fatos ou pensamentos de forma clara, bem definida e delimitadamente.

É necessário saber do que se está falando e qual a melhor forma de colocar isso no papel. Ter argumentos, ser coerente e realista sobre o que vai se escrever.

Também se torna necessário entender de concordância verbal, sintaxe, entre outras partes da gramática.

Uma boa grafia também se torna importante.

Texto 33

Idéias centrais: Leitura; corretamente as pontuações, informação, é difícil

Leitura, esta é a principal receita para se ter uma boa escrita, pois através dela é que se adquire conhecimento e facilidade para se escrever certo, saber colocar corretamente as pontuações.

Escrever é fácil, difícil é escrever bem e para que a boa escrita se desenvolva é preciso estar antenado às notícias da atualidade e ter conhecimento em todas as disciplinas para não correr o risco de escrever sem nexos.

Texto 34

Idéias centrais: letra boa, coerência, dominar a gramática, não basta letra bonita é preciso ter conteúdo

Dizer que uma pessoa escreve bem é qualificá-la pelo conjunto da obra. Não entendeu? Deixa eu explicar melhor. Para dizer que alguém escreve bem, ele ou ela deve ter uma letra boa, desenvolver bem o assunto tratado no texto, dominar a gramática.

Isso é escrever bem. Não basta ter uma letra legível e redondinha (estilo gente que faz caligrafia todo dia) ou saber até mais ou menos acentuar e a grafia das palavras e escrever só porcaria. Como as que estão escritas nesse texto.

Texto 35

Idéias centrais: saber se expressar, expressar o que sentimos, coerência, *Escrever bem não é simplesmente colocar palavras difíceis ou até “bonitas” num texto, ter um texto bem escrito em suas mãos vai muito além dessas idéias.*

O saber escrever bem é ter um texto que saiba expressar as idéias de seu escritor, é transmitir ao leitor as emoções e suas idéias reais, é ter coerência, é saber se expressar em palavras simples.

Texto 36

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, clareza, gostar de ler, gostar de escrever

Escrever bem é expressar suas idéias bem claras, gostar de ler, gostar de escrever para fazer um texto bom. Não adianta ter uma letra bonita se o texto está um lixo, não tem coerência, não dá para entender nada.

Para escrever um texto ou uma carta é preciso ter calma porque se estiver nervosa ou com pressa não vai sair nada, ou se sair, quem estiver lendo não vai entender nada.

Também é preciso saber o que se vai escrever, ter uma noção para não sair feio.

Texto 37

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, clareza

Para escrever bem não depende apenas de uma letra legível, palavras difíceis ou até mesmo de um texto longo.

É apenas utilizar bem as palavras, sem muita volta, você transmitir ao leitor o que você deseja para que o texto não se torne longo e cansativo aos olhos do leitor, e acima de tudo saber desenvolver o texto em cima de um tema sem desviar do ponto de raciocínio.

Texto 38

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, norma padrão, estilo

Escrever bem não é apenas ter uma letra bonita, mas também ter idéias, conteúdos, criatividade, bom desempenho e também ter fundamentos no que vai apresentar no texto ou em uma redação.

Podemos dizer, que escrever bem pode ser de ter uma boa colocação das palavras, conjugações e verbos colocados corretamente, acentuação certa, colocação dos pontos nos lugares certos.

Escrever bem está em muitas formas, cada um escreve do seu jeito, isso também pode ser uma forma de escrever bem.

Texto 39

Idéias centrais: não basta letra bonita é preciso ter conteúdo, interação, sensibilizar o leitor.

Escrever bem, não é apenas ter uma letra legível ou o texto estar em concordância, mas sim passar em uma folha o que se quer transmitir sem ser com a fala.

Um texto bem escrito passa para a pessoa que está lendo uma notícia, um acontecimento, algo que deixe uma pessoa feliz ou triste.

Uma pessoa que sabe escrever bem, se comunica com os outros sem dificuldade.

Conclui-se que uma boa escrita, é uma ótima forma de comunicação.

Texto 40

Idéias centrais: interagir com a escrita, clareza, informações verdadeiras, boa letra, não repetir palavras, introdução – desenvolvimento - conclusão

O importante para se escrever bem é você se interagir com a escrita, é ter consciência do que está escrevendo, que não encha o texto de lingüiça, que não escreva bobagens. O importante nisso é que você deve ter conhecimento de que as informações contidas no texto são verdadeiras.

Não só isso, mas ter uma boa letra, uma boa ortografia, um bom dicionário dentro da massa cinzenta para não repetir palavras usadas, saber definir onde vai, quando vai, em qual posição se coloca as palavras parecidas, mas com sentidos diferentes. Também saber usar os acentos.

Tendo também um bom desempenho do texto. O básico, tendo introdução, desenvolvimento e conclusão. É um pouco, de uma redação, não tudo o que se precisa, mas o básico.

Texto 41

Idéias centrais: ser verdadeiro, clareza para o leitor, cuidados com a apresentação do texto, interagir

É escrever de forma verdadeira, dizendo o que você acha, qual é a sua opinião, o que você entendeu e etc., de algum determinado assunto. Falando do assunto escolhido por sua professora ou até mesmo você, de uma forma bem clara e legível, se possível sem erros e rabiscos e que o leitor possa entender a sua redação.

Concluindo escrever bem, é saber escrever ao ponto que o leitor entenda o que você queira transmitir.

Texto 42

Idéias centrais: difícil, sensibilizar o leitor, elaborar bem

Escrever é uma tarefa meio difícil, pois não é só ortografia que se requer perfeição, o que mais conta é o conteúdo do texto que se vai escrever.

Um bom texto leva o leitor a imaginação, a emoção ou a aventura que ele está lendo. Ao escrever temos o dever de elaborar uma coisa boa e interessante e bem escrita.

Texto 43

Idéias centrais: expressar suas idéias,

Escrever bem é, fazer um texto expressando suas idéias e argumentando-as. Não é apenas ter letra bonita, tem que ter palavras bonitas, saber elaborar um texto que convide o leitor o querer ler até o final.

<p>Texto 44 Idéias centrais: organização, cuidados com a norma padrão</p> <p>Escrever bem é saber organizar as palavras em um texto, uma frase, um poema etc. É saber dar as pontuações e acentuações corretas em um texto, por exemplo, tendo introdução, desenvolvimento e conclusão. Escrever bem é conseguir fazer com que outras pessoas entendam o que você quer dizer (exemplo: notícia).</p>
<p>Texto 45 Idéias centrais: organização, cuidados com a norma padrão, não repetir as palavras</p> <p>Escrever bem é ter um bom desenvolvimento no texto, saber argumentar, acentuar bem o texto, não usar gírias. Utilizar aquilo que o texto pede, ter muita imaginação, respeitar os parágrafos, o texto também deve ter início, meio e fim, tentar não repetir muito as palavras, acho que tudo isso é importante para se escrever bem, mas além de tudo é importante respeitar as formas de linguagem, aquilo que precisa pra ter um bom texto.</p>
<p>Texto 46 Idéias centrais: não apenas ter letra bonita, organização, coerência</p> <p>Escrever bem não é apenas ter uma letra bonita, é sim ser claro na escrita, claro que ter uma letra legível, por exemplo para fazer um texto bom você tem que ter um desenrolar bom, um bom começo, um bom meio e o óbvio, um final de texto, sem inventar demais, sem fugir do tema proposto, porque se fugir do tema o texto fica sem coerência e não pode ser entendido.</p>
<p>Texto 47 Idéias centrais: cuidados com a norma padrão</p> <p>Quando se fala em escrever bem, quer dizer letra, escrita, pontuação e acentuação corretamente, pois para se conseguir uma boa letra precisa-se ter um conjunto todo. Saber o momento de usar os pontos e acentuar as palavras certas.</p>
<p>Texto 48 Idéias centrais: saber se expressar com clareza, cuidados com a norma padrão, leitura</p> <p>Escrever bem é conseguir se expressar no papel, é conseguir passar sua idéia no papel, com clareza, e na forma padrão da língua portuguesa. Para se escrever bem é necessário ler muito, para saber argumentar sobre o assunto que vai se escrever, é preciso conhecer muito bem a língua portuguesa, assim conseguir passar a idéia que se pretende.</p>
<p>Texto 49 Idéias centrais: cuidados com a norma padrão, coerência</p> <p>É saber usar, as palavras corretamente, é saber conjugar os verbos, deve haver coerência, em suas frases. As frases de um texto devem se encaixar para formar um texto.</p>
<p>Texto 50 Idéias centrais: falar bem, leitura, clareza</p>

Escrever também significa falar bem, a escrita e a fala necessitam muito de leitura, a leitura é a base de tudo. Escrever bem é escrever com clareza com uma ortografia boa, uma letra legível para o acesso dos leitores, uma boa escrita é acesso para coisas melhores na vida, talvez até um escritor.

Texto 51

Idéias centrais: cuidados com a norma, legível, com um bom começo, meio e fim

Primeiramente escrever bem é escrever correto, legível, com um bom começo, meio e fim. Tem que ter um com desenrolar de texto, uma boa história.

Texto 52

Idéias centrais: letra legível, cuidados com a norma, sucesso/oportunidades

Escrever bem, para mim, depende de muitos fatores, como uma letra legível, sem erros ortográficos, acima de tudo, texto dentro das regras da gramática, e regras de pontuação. Pois escrever hoje em dia é uma das coisas mais importantes para que a pessoa possa entrar em uma faculdade, um trabalho, entre outras coisas. A escrita hoje em dia é utilizada em tudo. Uma pessoa expressando suas idéias, escrevendo relatórios em seu trabalho, ou escrevendo até mesmo por gostar. Enfim, escrever hoje em dia é indispensável.

Texto 53

Idéias centrais: cuidados com a norma; *conhecimento literário*

Escrever é uma forma de expressar as palavras que não são, muitas vezes, pronunciadas, por letras. Para se escrever um texto e escrever bem correto, de acordo com as normas, *é preciso um conhecimento literário*, formas de linguagem e ortografia.

Muitas pessoas escrevem como querem, às vezes não obedecendo às normas, mas mesmo assim são considerados gênios da literatura, pois, retratando uma forma diferente e ousada da escrita, estes também é que são os famosos e conhecidos escritores brasileiros, poetas e prosadores.

Texto 54

Idéias centrais: cuidados com a norma; leitura

É saber o que e como escrever corretamente é claro.

Não errar na ortografia, escrever com concordância verbal, saber expor suas idéias com clareza em um texto.

Para saber escrever também devemos saber ler, pois sem a leitura e sem o conhecimento das palavras nunca escreveremos bem. Escrever bem é saber escrever.

Texto 55

Idéias centrais: cuidados com a norma, criatividade,

Escrever bem é ter noção do que está escrevendo, começando já sabendo tudo sobre gramática.

Sabendo corretamente a gramática, é fundamental após isso devemos saber como encaixar as palavras corretamente e saber conjugar os verbos.

Sabendo todo esse básico, vem a parte que demora a criatividade, para vir as palavras, frases até chegar ao texto.

No mínimo este é o básico, do básico para saber escrever bem, e começar a criar um bom texto.

Texto 56

<p>Idéias centrais: leitura, saber expressar, cuidados com a norma padrão, letra legível</p> <p>Para uma boa escrita deve-se ler bastante para que tenha conhecimento do que vai escrever, pois se você tentar colocar informações que você não tenha conhecimento, vai acontecer que vai ficar sem sentido.</p> <p>Escrever bem é saber expressar, saber passar a sua informação; não errar na ortografia, saber as regras de acentuação e principalmente ter uma letra legível.</p> <p>Esse é o básico para se escrever bem, mas não é tudo temos cada vez mais para se aperfeiçoar cada vez mais.</p>
<p>Texto 57 Idéias centrais: pontuação</p> <p>Escrever bem é escrever com a pontuação correta, com a letra legível colocar a pontuação correta.</p>
<p>Texto 58 Idéias centrais: cuidados com a norma, clareza, <i>língua portuguesa é muito complicada por isso não gosta de escrever</i></p> <p>Falando no português correta é a maneira de empregar pontuações, ortografia, idéia, etc. sabendo colocá-los no papel para expressar o que quiser no momento e qualquer outra pessoa ao ler entenda o que o escritor quis passar no papel.</p> <p><i>Agora falando particularmente escrever bem para mim é não escrever, pois a língua portuguesa em si é muito complicada, e muitas vezes se embolamos.</i></p> <p><i>Mesmo não gostando de escrever sei que ela é importante, pois às vezes uma vírgula ou uma letra errada muda totalmente a frase que escrevemos, então sei que é essencial ter uma boa escrita.</i></p>
<p>Texto 59 Idéias centrais: leitura (informação e livro de literatura), cuidados com a norma, organização</p> <p>Escrever bem é estar por dentro dos assuntos recentes, ler bastante livro de literatura e notícia.</p> <p>Saber usar corretamente as vírgulas, pontos de interrogação e outros (coisa que eu não sei muito bem é vírgula) isso é fundamental.</p> <p>Ter o que escrever, sabendo ter um começo, meio, e fim.</p> <p>Seguindo corretamente todos esses itens você está apto para fazer uma boa redação.</p>
<p>Texto 60 Idéias centrais: cuidados com a norma, organização do texto</p> <p>Escrever bem pra mim é seguir as regras, pontuação, sem erros de ortografia, parágrafos no seu devido lugar.</p> <p>E o mais importante é não fugir do tema que foi colocado sem atropelar seus pensamentos, tipo assim, o texto tem que ter começo, meio e fim. Assim com certeza você fará um bom texto (dica para quem vai fazer vestibular)</p>
<p>Texto 61 (texto muito mal escrito!)</p>
<p>Texto 62 Idéias centrais: boa letra, cuidados com a norma padrão, organização do texto, saber se expressar</p>

Escrever bem é ter uma boa caligrafia, colocar acentos onde que ter, saber colocar as palavras em seus devidos lugares sem erro de gramática.

Um texto tem que ter começo, meio e fim, com lógica nas palavras.

Para que uma pessoa saiba escrever, ela tem que pensar naquilo que se pensa, porque é através do pensamento é que se consegue escrever um bom texto, poema, um livro, etc.

O objetivo de escrever bem é passar a mensagem de um pensamento no papel e com isso fazer com todos entendam a sua mensagem.

Pra mim tudo quem ter um sentido na escrita: exemplo: são de livros que não tem nada a ver com o pensamento do autor e nem por isso ele escreve mal.

Texto 63

Idéias centrais: organização do texto, cuidados com a norma padrão, cuidados com a apresentação

Escrever bem é usar as palavras adequadas, nos devidos e melhores momentos, saber o motivo ou assunto, e tentar não ofender ou magoar, fazer de sua escrita com as devidas regras que são não ultrapassar as margens, usar corretamente as acentuações e pontos. Fazer o máximo para não fugir do tema ou do título.

Texto 64

Idéias centrais: organização do texto

É escrever um texto com início, meio e fim, é simplesmente escrevê-lo ou é escrevê-lo correto com sua pontuação? Mas acho eu em meu pensar que tende a conter pensamentos intrigantes e que me faça rir ou ficar sério até eu imaginar o fim da história, mas quando chegar lá eu me assusto. Com um fim catastrófico tem de me prender na história, fazer viajar para países que ainda não fui e lugares que nem ouvi falar, mas também tem que me fazer chorar com uma história que o mocinho morre no final, então o que é escrever bem?

Texto 65

Idéias centrais: saber usar as palavras certas, cuidados com a norma padrão, letra

Escrever bem não é escrever bonito, é saber colocar as palavras certas em seus textos. Também tem aqueles que escrevem muito mal e outros que sabem colocar bem as acentuações e sabem formar um bom texto.

Para escrever bem a pessoa tem que se esforçar muito quando se é pequeno, treinando em um caderno de caligrafia.

Texto 66

Idéias centrais: saber se expressar, leitura

Escrever bem é uma forma de se expressar bem. Também há pessoas que conseguem ver a personalidade das pessoas só na escrita.

As pessoas que lêem bastantes jornais, livros, e etc., e prestam atenção no que lêem com certeza terá muita aprendizagem e conhecimento de palavras e com isso faz com ela se expressar melhor quando ela vai escrever, a importância do conhecimento das palavras, da escrita, da leitura é de extrema importância para um cidadão, sem esses conhecimentos é difícil conseguir ter uma boa escrita.

Bom! Escrever bem é importante e digamos que fica bonito você saber colocar cada palavra em seu devido lugar, se explicar bem e tudo mais.

Tudo ao contrário de mim né professora? Que só enchi de lingüiça esse texto, escrevi, escrevi e não entendi nada.

Texto 67

Idéias centrais: organização do texto, cuidados com a norma padrão, coerência

Escrever bem é saber respeitar corretamente parágrafos, acentuações, erros de ortografia, não exceder limites e nem diminuir limites de conteúdo e etc.

Uma boa redação ou texto deve conter começo, meio e fim. Deve ser focada somente em um assunto, não desviando, nem tirando do texto.

Erros de português são inevitáveis, mas devem ser corrigidos após o término da redação.

Texto 68

Idéias centrais: cuidados com a norma padrão, leitura, letra legível, clareza para que entendam

Escrever bem é saber as normas da língua portuguesa é ter orgulho de saber ler e escrever seja o certo ou o errado, ter uma leitura diária para se habituar sobre a linguagem do português. Nós não escrevemos muito bem igual aos grandes escritores que já tivemos no Brasil, mais há cada dia que passa podemos escrever melhor conforme vamos aprendendo.

Escrever bem é ter uma letra legível e fazer com que todos entendam o que você quer passar, o que você quer dizer. Escrever bem é ver o mundo de uma forma diferente.

Texto 69

Idéias centrais: norma, saber se expressar

Muitas pessoas acham que escrever bem é simplesmente a arte de ter a letra bem desenhada, letra de quem praticou muito caligrafia, mas na verdade, não é bem assim, é claro que uma letra bonita e bem estruturada ajuda e causa uma boa impressão, mas é preciso além disso, saber utilizar, ou melhor dizendo, utilizar corretamente os recursos e as regras de pontuação que a língua portuguesa nos admite usufruir par melhor nos expressarmos através desse meio de comunicação tão importante que é a escrita.

Por falar em meio de comunicação, a escrita é um dos mais importantes meios de se comunicar entre países, estados, cidades e até entre nós.

Pessoas utilizam esse meio para diminuir a saudade de um amigo ou parente distante ou para mandar recados importantes, mas falando na importância dela concluímos que escrever bem é saber expressar-se através dela.

Texto 70

Idéias centrais: não é apenas ter letra bonita, interação

Escrever bem, vamos ver no meu ponto de vista o que posso lhe dizer sobre esta informação. Isto não seria apenas ter uma letra bonita, colocar palavras difíceis, *mas sim mostrar a quem está lendo uma satisfação ao ler, mostrar a quem vê só o título, ter uma curiosidade no que espera, no final do texto aquela satisfação de ter lido.*

Pessoas pensam que escrever bem seria apenas ter uma letrinha bonita, ter palavras difíceis e etc. Algumas pessoas escrevem um texto com dicionário do lado para parecer que escrevem bem e acabam escrevendo um texto sem pé nem cabeça. Mas o que eu acho, um bom texto seria, uma boa mensagem transmitindo a quem o lê.

Eu não sei se isto que escrevi foi um bom texto, se escrevi bem, mas escrevi o que penso sobre "Escrever bem".

Texto 71

Idéias centrais: não é apenas ter letra bonita, saber se expressar, clareza para o leitor entender

Escrever bem não é somente ter uma letra bonita ou você saber escrever um texto bem longo. Na minha opinião, escrever bem é você saber se expressar nos textos que está fazendo, fazer um texto bonito que o leitor consiga entendê-lo, que ele saiba falar suas idéias, que a letra possa ser bonita que o conteúdo em si possa ajudar ao leitor a entender o que ele está lendo. Essa é minha opinião sobre isso.

Texto 72

Idéias centrais: norma e apresentação do texto

Escrever bem é um modo de expressar suas idéias e conceitos do que você pensa ou senti. Para ter uma boa escrita, precisa-se de todas as ferramentas, como alinhamento, a vírgula e os pontos, isso é essencial para se ter uma boa escrita. Acentuar as palavras é essencial para a nossa escrita e conjugá-las como letras maiúsculas e minúsculas.

Texto 73

Idéias centrais: boa letra, coerência com a proposta, leitura, sem erros de português.

Ter uma boa letra, não fazer um texto que não tenha nada a ver com o que está sendo pedido.

Mas o melhor é fazer um texto que tenha um conteúdo bom e se puder divertido, não tendo erros de português. Fazer textos com muita atenção, prestando atenção na escrita, no que está pedindo, mas também ler muito para aprender a fazer textos com notícia que estão em alta no mundo hoje.

Texto 74

Idéias centrais: interagir; regras gramáticas

Uma das formas de comunicação humana muito utilizada desde a época em se usavam pergaminhos é a escrita.

Devido a necessidade cada vez maior de interagir, o homem desenvolveu ao longo do tempo a linguagem escrita que é muito utilizada em nossa sociedade.

Para que a comunicação seja eficiente, utilizamos uma forma que é reconhecida na maioria das classes sociais. Em qualquer texto é necessário que o escritor consiga atingir o leitor de forma que este entenda a mensagem. Para que isso aconteça são necessárias regras gramaticais que irão adequar as palavras de forma harmoniosa.

Texto 75

Idéias centrais: coerência, expressar o que sentimos, prática

Escrever é falar, argumentar sobre algo ou causas que acontecem, isso se faz com coerência dando sentido ao que se escreve.

Quando escrevemos passamos a transmitir o que sentimos e fazer com que o leitor entenda o que o texto diz, *a habilidade de se escrever só é adquirida com prática por meio do estudo*, para fazer isso bem é preciso inspiração e principalmente transpiração assim para citar sobre um determinado assunto é necessário um tema ou conhecer sobre o que vai ser escrito.

Podemos dizer que um texto tem de ter riquezas de detalhes e informações que particularizem o assunto, tornando mais uma vez a escrita o fator principal de qualquer coisa que se queira fazer.

<p>Texto 76 Idéias centrais: respeito à língua; letra</p> <p>Escrever bem é procurar respeitar a língua portuguesa tais como: pontos, vírgula, acentuação gráficas, procurar expressar seus pontos de vista, textos com começo, meio e fim, nunca criticar diretamente um alvo em especial principalmente em jornais, revistas etc., procurar usar uma linguagem direta e objetiva ah e escrever sempre com letra legível.</p>
<p>Texto 77 Idéias centrais: norma, organização, letra</p> <p>Escrever bem é saber usas as palavras, pontuação, parágrafos, etc. e também tem que ter uma letra legível. Um texto bem escrito tem que ter começo, meio e fim.</p>
<p>Texto 78 Idéias centrais: letra, norma, organização</p> <p>É ter uma letra legível., bem acentuada, sem erros de gramática, mas infelizmente isso ainda não é possível, <i>o português é complicado e nem sempre escrevemos corretamente</i>. O importante hoje é escrever bem e falar o português o mais correto possível sem comer letras, em textos saber colocar em ordem opiniões, argumentos e entre outros.</p>
<p>Texto 79 Idéias centrais: norma, objetivo</p> <p>Ao meu modo de pensar, escrever bem é saber empregar as palavras e saber também exatamente o rumo que a escrita toma para empregar os verbos é facilitar o entendimento do texto.</p>
<p>Texto 80 Idéias centrais: clareza, objetivo, organização, não ofender o leitor</p> <p>Escrever bem é ter <i>criatividade</i>, saber escrever direito, usar palavras cultas, não cometer muitas repetições, ser direto e claro, não ficar “enchendo lingüiça” (não ficar só enrolando o texto). <i>Não pode ofender a quem vai ler a produção do texto</i>, tem que ter um objetivo a ser passado para o papel, tem que ter começo, meio e fim, a conclusão não se pode ter mais que 3 parágrafos, <i>textos tem se ser escritos em forma de prosa</i>.</p>
<p>Texto 81 Idéias centrais: organização, leitura</p> <p>Escrever bem é o modo que juntamos e agrupamos palavras, é quando fazemos uma palavra se transformar em frases que lendo nos leva a imaginar. Uma boa leitura também ajuda um texto ficar mais emocionante.</p>
<p>Texto 82 Idéias centrais: organização, <i>como os escritores</i>, pontuação</p> <p>Escrever bem é saber elaborar um bom texto, <i>como os escritores</i>, é saber colocar as palavras certas nas frases certas, ter boa pontuação, ter um bom desenvolvimento em seu texto.</p>

Texto 83

Idéias centrais: ortografia correta, organização, clareza, letra bonita

Escrever bem é quando a pessoa quase não tem erros de português e tem um bom desenvolvimento para que as pessoas que irão ler entendam o que está escrito e também precisa de letra bonita.

Texto 84

Idéias centrais: *criatividade*, leitura, regras da escrita, organização

Escrever bem é elaborar um bom texto, *ser criativo*, ser uma pessoa culta e formal. Para se obter uma boa escrita e produzir um texto a pessoa precisa ler bastante, ter um conhecimento básico das regras de escrita. Um texto precisa ter começo, meio e fim e é claro que o escritor precisa ser coerente nas palavras, frases e título do texto produzido, mas há ainda muitas pessoas que não conseguem se adequar a estas formas de escrita e acabam escrevendo errado e é claro que o texto precisa ter uma ótima conclusão.

Texto 85

Idéias centrais: oportunidade/ trabalho, *não escrevo muito bem...*

Bom, ter uma boa escrita é fundamental para vários contextos, até para trabalhos. Já que muitos empregos exigem que a pessoa tenha uma letra boa que esteja no padrão do dia-a-dia.

Escrevendo bem, você pode ter várias oportunidades de vida, se dedicando a alguma profissão ou até sendo poeta ou autor.

Bom, *escrever bem é uma coisa que eu não faço muito bem, porque minha letra, meu diálogo eu acho muito ruim.*

Mas escrever bem não é tudo isso também né? O que vale são as coisas que você escreve.

Por exemplo, a maioria dos médicos tem uma letra que só outro médico entende, apesar de poetas e autores escreverem muito bem.

Texto 86

Idéias centrais: letra bonita, leitura

Escrever é ter uma boa caligrafia, é ter uma boa opinião, com começo, meio e fim, para que a pessoa escrever bem tem que ter uma boa leitura, tem que estar por dentro dos acontecimentos.

Texto 87

Idéias centrais: letra bonita, *criatividade*

Bom, talvez este texto não seja um exemplo de um bom texto, ou nem de como escrever bem, mas sirva de conceito para esta expressão.

Escrever bem pode ser "letras bonitas compondo um texto, um conto interessante, ou até mesmo uma escrita criativa". *Criatividade*, talvez isso seja escrever bem, quando nos expressamos de uma boa maneira nada mais basta, isso é escrever bem.

Texto 88

Idéias centrais: pontuação, leitura

Escrever bem é ter boas idéias e saber onde se deve colocar a pontuação certa, respeitar pontos, vírgulas, travessão, etc. Na minha opinião para se escrever bem é preciso saber ler muito bem, pois a leitura nos ajuda a desenvolver muitas coisas, principalmente a escrita, escrever é muito importante para nós e expressar o que de bom dentro de nós mesmos.

<p>Texto 89 Idéias centrais: <i>adoro escrever mas não gosto de fazer redação</i></p> <p><i>Apesar de eu adorar escrever, eu acho interessante escrever muito sobre a gente mesmo, eu gosto de fazer poesia, sobre minha vida, não gosto muito de redação, eu acho importante ler, também é ótimo para se fazer um bom texto eu não gosto de escrever sobre o assunto que mandam e sim sobre o assunto que mandam e sim sobre o que eu sei realmente.</i></p> <p>Ler é importante para que possamos escrever com menos erros, e também obter novos conhecimentos através de livros e poder fazer uma redação mais elaborada, com mais conteúdo e muito mais bem vistos na mão de outros leitores.</p> <p>Sobretudo, escrever é bom, faz bem para o nosso futuro, ser bom escritor e bom leitor.</p>
<p>Texto 90 Idéias centrais: comunicação, leitura</p> <p>Escrever bem é a maneira que encontramos de nos comunicar através de palavras, versos e cartas.</p> <p>Para escrevermos bem, temos que ler muito, pois só assim aprenderemos a fazer um bom texto, com coerência e coesão.</p>
<p>Texto 91 Idéias centrais: organização, norma, idéias</p> <p>Escrever bem é expressar suas idéias de uma forma coerente, ou seja, além de ter uma noção importante sobre a língua portuguesa e saber viajar nas idéias.</p> <p>Tendo um título, um tema o que seja. Tem várias formas de escrever bem, é ter acentuação, não repetir palavras e é claro não fugir do tema.</p>
<p>Texto 92 Idéias centrais: leitura, norma culta</p> <p>Escrever bem é ter informações e ter idéias para defender sua opinião, descrever os fatos de uma boa maneira, se expressando muito bem.</p> <p>No entanto, não é apenas isso, pois muitas pessoas têm idéias ótimas, mas não conseguem colocá-las no papel com palavras mais cultas em uma linguagem formal.</p> <p>Por isso, é preciso leitura para que possamos escrever de maneira mais culta, de expressões e informações mais formais.</p>
<p>Texto 93 Idéias centrais: saber se expressar, organização, apresentação, leitura</p> <p>Escrever bem é saber passar a informação certa a quem está lendo, com as palavras bem colocadas e legíveis para isso é preciso ler bastante. Uma pessoa bem informada consegue escrever com clareza e mais segurança. E se faz entender, do contrário de quem não gosta de ler não consegue escrever bem e <i>acaba escrevendo do jeito que fala</i>, acho que é isso.</p>
<p>Texto 94 Idéias centrais: escrever com sentido</p> <p>Escrever bem hoje em dia não é apenas ter uma letra bonita sem erros de português, mas sim escrever coisas com sentido, porque não adianta uma pessoa fazer uma letra linda sem erros e acabar escrevendo coisas sem sentido.</p> <p>Hoje em dia muitas pessoas escrevem feio com alguns erros de português, mas escrevem coisas com sentido e essas pessoas é quem acabam passando em vestibulares e concursos, pois não se preocupam com a beleza e sim com o conteúdo</p>

do que estão escrevendo.
<p>Texto 95 Idéias centrais: ser objetivo</p> <p>É desde que as suas idéias sejam objetivas e bem esclarecidas, como colunistas de jornal, eles elaboram um texto super bacana.</p> <p>No nosso mundo todos querem falar “bonito”, como sotaque, é escrever errado? Tudo também se empenha na letra, pois cada ser humano tem sua forma de escrever, um médico tem uma letra horrível, mas suas idéias o farmacêutico consegue decifrá-las.</p> <p><i>E é tão legal quando estamos no primário que aprendemos a escrever, pois no começo aprendemos a escrever, pois no começo é só desenho, mas depois conhecemos as letras, nos apaixonamos. Se quando de pequenos se identifica a adorar escrever no futuro se mostra um ótimo escritor.</i></p>
<p>Texto 96 Idéias centrais: organização, convencer o leitor</p> <p>Escrever bem é expor de forma objetiva, sucinta e clara, a opinião que temos sobre alguma informação, algum fato. É convencer quem lê, a acreditar que aquilo que estamos escrevendo é real, é verdadeiro, é o certo. <i>Existem muitas pessoas que se preocupam muito em utilizar termos bonitos, palavras mais intelectuais do que com o conteúdo do texto, que no meu modo de pensar é o primordial para se fazer uma boa redação.</i></p> <p>Com o passar do tempo é claro que a nossa opinião sobre as coisas mudam, e assim o nosso modo de escrever também, mas o que realmente importa é escrever algo que tenha coerência.</p>
<p>Texto 97 Idéias centrais: norma, conteúdo, letra legível</p> <p>Escrever bem é escrever corretamente, saber usar pontos, acentos, parágrafos etc. Mas também é saber usar a imaginação, se expressar, impor bem sua opinião, ter uma letra legível. Um texto bem escrito é aquele que você lê sem dificuldade e tem facilidade para entender.</p>
<p>Texto 98 Idéias centrais: cativar o leitor, forma,</p> <p>Seria cativar o leitor com o texto lido, também entender a letra da pessoa que escreveu o texto, se o texto foi escrito a mão.</p> <p>Ou com poucos erros ortográficos, escrever bem para mim é quando nós entendemos o tema, e escrevemos sem limites. É explorar os nossos e irmos além disso, sem pensar em represalhas.</p> <p>E expandir o conteúdo, de um assunto, puxando outro. As nossas ideais é o que nos faz e escrever isso nos transforma em pessoas com mais sabedoria.</p>
<p>Texto 99 Idéias centrais: <i>sentido, organização</i></p> <p><i>Escrever bem é expressar na palavra um sentido ou um significado, ou seja, mostrar nela, um sentido lógico, que seja bem entendido, ou bem expressado.</i></p> <p>Escrever bem também se relaciona com o modo de escrever no sentido de não repetir as mesmas palavras em um único texto. Escrever bem é saber fazer um texto com começo, meio e fim, é saber interpretar todas as palavras escritas. Escrever bem é saber contornar as letras escritas em um papel, mostrando é que algum sentido ela tem.</p>

<p>Texto 100 Idéias centrais: saber se expressar, clareza e coerência, forma, letra</p> <p>Escrever bem é saber se expressar, não apenas no modo de escrever, mas no seu ponto de vista. Escrever com clareza e coerência, expressando ações, sentimentos, etc.</p> <p>Mas também respeitar as pontuações gráficas, escrevendo com uma letra legível estando ciente de que está escrevendo um fundo verdadeiro.</p>
<p>Texto 102 Idéias centrais: saber se expressar, organização</p> <p>É você saber o que está escrevendo, fazendo com que seja um texto escrito com nitidez, e vocabulário correto. É tentar passar uma imagem quase perfeita para quem vai ler, fazendo com o que você está escrevendo tenha começo, meio e fim. Você tem que saber quando você está sabendo colocar seus argumentos, sabendo transmitir o que está acontecendo no texto inteiro, e não ficar escrevendo muito e na verdade só ficar dando volta e enrolando e não sai nada.</p>
<p>Texto 103 Idéias centrais: forma, conteúdo, organização, leitura</p> <p>Escrever um texto correto, sem erro com pontuação, acentos e vírgulas ter um vocabulário extenso e diverso.</p> <p>Ter noção do assunto que está sendo escrito e convicção para poder passar credibilidade do texto, quando for um assunto cansativo, procurar não ser muito longo. Também ajuda escrever bem, ter o hábito de se ler, porque quanto mais se lê mais vai se escrever e falar corretamente.</p>
<p>Texto 104 Idéias centrais: conteúdo, forma, organização</p> <p>Escrever bem primeiro é saber o que vai escrever, ter um assunto. Daí você irá colocar suas idéias, opiniões, críticas, ou narrações etc. Tem que colocar pontuação e dividir os assuntos do que você irá escrever. Para tudo tem que ter começo, meio e fim.</p>
<p>Texto 105 Idéias centrais: letra, forma, organização, conteúdo</p> <p>Cada pessoa tem um ponto de vista do que é escrever bem. Na minha opinião seria uma letra legível, sem gírias, erros de português, um texto simples e direto, conteúdo, argumentos, tudo que possa enriquecer, diversificar o que você escreve.</p> <p><i>Todos nós temos dificuldades em saber se estamos escrevendo da forma correta.</i></p>
<p>Texto 106 Idéias centrais:</p> <p>Bom pra mim escrever bem dependendo do ponto de vista que se refere por exemplo a letra que se escreve bem bonita ou garranchada ou um bom texto, uma boa história, um bom começo, bem escrito, um meio e um fim que tenha um bom tema.</p>
<p>Texto 107 Idéias centrais: leitura</p> <p>Escrever bem é obter conhecimentos adquiridos por nós a cada dia que vivemos e passamos intensamente.</p>

Uma boa escrita é desenvolvida de acordo com o que cada pessoa faz no decorrer do seu dia, depende se tem o hábito de ler livros, ficar bem atualizado com as notícias e outros hábitos fundamentais para se obter um bom vocabulário. As pessoas que têm puro interesse em desenvolver seus conhecimentos ficam se auto-superando da sua própria capacidade de escrever algo que seja interessante e criativo, acabam desvendando um potencial que ela mesma não acredita nas suas próprias capacidades.

Texto 108

Idéias centrais: organização, apresentação, pontuação

Bom, escrever bem é você saber usar e colocar boas palavras com sentido óbvio, não borrar na própria escrita.

Pontuação é essencial para a sua escrita para que quem ler entenda melhor o seu texto.

Texto 109

Idéias centrais: norma, apresentação

Na minha opinião, escrever bem é usar bem as vírgulas, pontuações, parágrafos, etc. Desenvolvendo-se o texto ou verso, o mais importante é não errar para não deixar borrões ou rasuras, acentuando bem as palavras sem acentos desnecessários e escrever um texto muito objetivo com começo, meio e fim, com letras legíveis, sem sair fora da linha e também não amontoar muito as palavras deixando espaço, sem encavalar, emendar palavras só confunde a cabeça do leitor que não entende algumas letras.

Texto 110

Idéias centrais:

Ser rico em informações, atualizado, *boa dicção* são um dos fatores principais para um bom texto, o conhecimento da nossa língua portuguesa é indispensável para evitar erros ortográficos. Uma boa caligrafia auxilia uma boa leitura para todos.

Texto 111

Idéias centrais: escrever corretamente (português “certo”), informação

Escrever bem é escrever corretamente os textos, frases, etc., porque para aprender ler só com frases corretas. Para poder escrever bem, temos que estudar o português certo.

Temos que tá ligado nas informações atualizadas e prestar atenção, tá antenado sempre.

Texto 112

Idéias centrais: leitura

Para ter uma boa escrita, em primeiro lugar é preciso de ter conhecimento do que está escrevendo, isto é, um rico desenvolvimento e um vocabulário sem gírias. Esse é um dos princípios básicos para se escrever bem.

Adquirimos uma boa escrita e conhecimentos para ela quando lemos muitos jornais de notícias do Brasil e do mundo, economia no país, ou até mesmo sobre cultura, esportes, artes, entre outras.

Lendo assuntos desse meio estaremos contribuindo muito para termos uma boa escrita.

Texto 113

Idéias centrais: forma/norma, conteúdo

Escrever bem é primeiramente ter um português correto, seguido de boas idéias,

<p>vários argumentos, um vocabulário rico, com palavras interessantes, mas com nexos. <i>Ser criativo</i>, mas com assuntos que façam despertar o interesse.</p>
<p>Texto 114 Idéias centrais: conteúdo, forma</p> <p>É demonstrar os conhecimentos gerais que adquirimos no nosso dia-a-dia como informação, crítica, argumentação, linguagem formal e informal, com um vocabulário correto, sem erros de ortografia, acentuação, pontuação, etc.</p>
<p>Texto 115 Idéias centrais: conteúdo, norma, leitura, organização</p> <p>Escrever bem não é só pegar um papel e uma caneta e começar a produzir, é mais que isso, necessita pensar no que irá colocar no papel, para que não faça qualquer coisa. É usar ponto onde deve, de maneira adequada.</p> <p>A gramática, diversas normas, se possível compre um livro de normas gramaticais, irá te ajudar bastante na hora de fazer um texto. Leia bastante, ler é essencial na hora de produzir textos. Se errar tente melhorar porque a palavra que errou, procure um dicionário para arrumar.</p> <p>Veja se os pontos estão no lugar, se tiver dúvida, procure seu professor para lhe ajudar. Um bom texto necessita de começo, meio e fim.</p>
<p>Texto 116 Idéias centrais: organização, interagir, conteúdo, leitura</p> <p>Escrever bem é saber começar algum tipo de escrita, desenvolvê-la, dando um desenvolvimento no texto, dando as explicações para que quem venha a ler possa entender o que foi escrito. Nesse texto, também tem que ter um sentido. Uma boa escrita onde se desenvolve uma história real ou fictícia é necessário que haja um começo desenvolvendo esse mesmo, para que o conteúdo e o final tenha um sentido legal.</p> <p>Escrever bem é fazer muitas leituras para que se possa saber desenvolver um bom texto, se não ler muito difícil vai ser...</p>
<p>Texto 117 Idéias centrais: saber se expressar, expressar o que sentimos, interação</p> <p>Escrever bem é antes de escrever saber o que você quer expressar em sua escrita e o que realmente quer que a pessoa entenda e o que quis dizer quando escreveu aquilo.</p> <p>É através da escrita que expressamos o que estamos sentindo e aonde queremos chegar. E sabendo expor isso na sua escrita conseguirá fazer com que o leitor entenda o que quis dizer.</p> <p>O importante também na escrita é você saber pontuar certo, para que o leitor não passe por nem uma palavra despercebido.</p>
<p>Texto 118 Idéias centrais: interagir, forma, leitura</p> <p>Escrever bem é expressar seus pontos de vista de maneira que o leitor possa entender com clareza o que está escrito. A pontuação é muito importante, se esquecer, por exemplo, uma vírgula, quem está escrevendo pode querer passar uma idéia e quem está lendo pode entender outra.</p> <p>A questão de escrever palavras erradas, na minha opinião é que as pessoas lêem muito pouco.</p>
<p>Texto 119</p>

Idéias centrais: saber se expressar, letra legível

Escrever vem é colocar as palavras expressadas na melhor maneira possível em que o leitor possa ler e entender o que se passa e com uma letra legível. Mas também tem o escrever bem de ser um bom escritor que escreve de um jeito e torna a leitura mais gostosa de se fazer.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp e Editora Hucitec, 1988.

CASTRO, G. **O discurso sobre a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira no período de 1970 a 2000**. In: 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas: ALB, 2006.

_____. **O discurso sobre o livro, a leitura e o leitor nas revistas Época, Veja e Isto é**. In: 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas: ALB, 2007.

CASTRO, G. **Avaliação em língua portuguesa nas séries iniciais**. Curitiba, Editora da UFPR, 2005.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

FARACO, C. A; CASTRO, G. **Por uma lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom)**. In: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

FIORIN, J. L. *Vox populi, vox dei*. In: **A lingüística que nos faz falhar**: investigação crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GERALDI, J. W. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, J. W. (org) **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ILLARI, R. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KRAUSE, G. B. G. **Redação inquieta**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

LUNA, M. J. de M. **A redação no vestibular**. 2ª ed. Recife. Editora Universitária de Pernambuco, 2004.

PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERINI, M. **Sofrendo a Gramática**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

PIVOVAR, Altair. **Leitura e escrita**: a captura de um objeto de ensino. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1999.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

ROCCO, M. T. F. **Crise na linguagem**: a redação no vestibular. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

RODRIGUES, E. **Leitura, Leitor e Livro na Revista Época no período de 2000 a 2005**. In: 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas: ALB, 2007.

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIRMOND, S. **Gêneros do discurso - esse obscuro objeto de desejo**: contribuição para uma leitura crítica dos PCNs de Língua Portuguesa. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2004.